

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL – CAMPUS FELIZ**

EDUARDA GABRIELLI CORRÊA BOZ

**A VARIAÇÃO DE /r/ EM ONSET SILÁBICO NO PORTUGUÊS FALADO EM FELIZ
– RS**

FELIZ, RS
2022

EDUARDA GABRIELLI CORRÊA BOZ

**A VARIAÇÃO DE /r/ EM ONSET SILÁBICO NO PORTUGUÊS FALADO EM FELIZ
– RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Feliz, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras. Orientadora: Prof^a Dra. Laura Helena Hahn Nonnenmacher.

FELIZ, RS
2022

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela vida e pela oportunidade de poder concluir este curso maravilhoso.

Agradeço à minha família, que mesmo de longe, esteve presente, dando-me apoio e incentivo. Ao meu pai Sérgio, à minha mãe Marlene, aos meus irmãos Laura e Calebe. Também agradeço ao meu marido Alexsandro, pela compreensão e apoio incondicional. Vocês foram fundamentais para a conclusão deste trabalho e desta etapa muito importante de minha vida.

Agradeço aos informantes que se disponibilizaram em participar desta pesquisa.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia que proporcionaram não só a mim, mas a todos estudantes, um ensino gratuito e de qualidade. Também agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória, desde os anos iniciais até os professores do curso de Letras, vocês foram muito importantes para o meu desenvolvimento. Vocês sempre serão uma referência!

Agradeço também à minha orientadora, professora Dra. Laura Helena Hahn Nonnenmacher por sua dedicação e atenção. Você acreditou em mim e sem você este trabalho não seria possível. Você é uma inspiração e um exemplo que quero seguir.

RESUMO

Este trabalho investiga a variação na produção de /r/ em palavras do português em contato com o Hunsrückisch, língua de imigração herdada dos imigrantes alemães provenientes da região de Hunsrück, no município de Feliz – RS, cidade colonizada por imigrantes alemães durante o século XIX. Para isso, serão analisadas a utilização de /r/ em posição medial (*ferradura*), ataque no início da palavra (*rosas*) e ataque no interior da palavra (*genro*). Este trabalho tem como embasamento teórico o estudo da língua em seu contexto social de (LABOV, 2008 [1972]) e estudos realizados por Monaretto (1992), que analisou os róticos produzidos no Sul do Brasil e os trabalhos de Schneider (2008), Steffen (2013), Fritsch e Pereira (2018), e Pronadov e Martins (2021), que analisaram a produção de /r/ do português em contato com Hunsrückisch e Comiotto e Margotti (2019), que utilizou o Atlas Linguístico Brasileiro na coleta de dados. Partimos das seguintes hipóteses, as variáveis sociais são mais importantes na aplicação do tepe; os homens tendem a usar com maior frequência o tepe; quanto maior o nível escolar, menor é o uso de r-fraco; informantes do grupo mais velho tendem a utilizar o r-fraco em contextos de r-forte com maior frequência; a posição de ataque, tanto no início da palavra quanto no meio da palavra, favorece a troca do r-forte para o r-fraco. A amostra é composta por 12 informantes do município de Feliz – RS, considerando as seguintes características: 2 gêneros, 3 níveis de escolaridade (ensino fundamental completo, ensino médio completo e ensino superior completo), 2 grupos etários (de 20 a 40 anos e de 41 a 61 anos). A análise dos dados foi realizada por meio de planilhas do Excel e os resultados revelam que na comunidade de Feliz há uma preferência pelo uso do tepe. Verificamos que os homens tendem a utilizar o tepe com maior frequência. Confirmou a hipótese de que à medida que o nível escolar aumenta, menor é a troca de r-forte para r-fraco. A análise das idades também apresentou resultados que confirmaram a hipótese de que o grupo de informantes mais velho tem preferência pelo uso de tepe.

Palavras-chave: Variação linguística, Hunsrückisch, variação na produção de /r/, línguas em contato.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Alternância estilística de /r/	20
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Codificação dos participantes	36
Tabela 2 - Codificação das variantes	36
Tabela 3 - Variáveis extralinguísticas.....	38
Tabela 4 - Variáveis linguísticas.....	39

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ocorrências total das variantes de /r/	40
Gráfico 2 - Resultado total masculino.....	41
Gráfico 3 - Resultado total feminino	42
Gráfico 4 - Resultado total ensino fundamental.....	43
Gráfico 5 - Resultado total ensino médio	43
Gráfico 6 - Resultado total ensino superior	44
Gráfico 7 - Resultado total 41 a 61 anos	45
Gráfico 8 - Resultado total 20 a 40 anos	46
Gráfico 9 - Resultado total da posição ataque no início da palavra.....	47
Gráfico 10 - Resultado total da posição medial	48
Gráfico 11 - Resultado total da posição ataque no interior da palavra	49
Gráfico 12 - Resultado total da sílaba tônica.....	49
Gráfico 13 - Resultado total da sílaba postônica.....	50
Gráfico 14 - Resultado total da sílaba pretônica.....	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL	11
2.1	HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL.....	11
2.2	MUNICÍPIO DE FELIZ.....	14
2.3	HUNSRÜCKISCH	17
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	18
3.1	SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	18
3.2	ESTUDOS VARIACIONISTAS.....	21
3.2.1	O /r/ no português brasileiro	21
3.2.2	Monaretto (1992).....	22
3.2.3	Schneider (2008).....	26
3.2.4	Steffen (2013)	27
3.2.5	Fritsch e Pereira (2018).....	29
3.2.6	Comiotto e Margotti (2019).....	30
3.2.7	Pronadov e Martins (2021).....	31
4	METODOLOGIA	34
4.1	ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS.....	34
4.2	COLETA DE DADOS	35
4.2.1	Variável dependente	36
4.2.2	Variáveis indepentes	37
4.2.2.1	Variáveis extralinguísticas.....	37
4.2.2.2	Variáveis linguísticas	38
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
5.1	RESULTADO DAS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	41
5.1.1	Gênero	41
5.1.2	Escolaridade	42
5.1.3	Idade	44
5.2	RESULTADO DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	46
5.2.1	Posição na sílaba	46
5.2.1.1	Ataque no início da palavra.....	46
5.2.1.2	Medial	47
5.2.1.3	Ataque no interior da palavra	48
5.2.2	Tonicidade.....	49
5.2.2.1	Sílaba tônica	49
5.2.2.2	Sílaba postônica	50
5.2.2.3	Sílaba pretônica	51
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
7	REFERÊNCIAS	54
	ANEXOS	56

APÊNDICES	57
------------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o português não é a única língua falada, pois o país foi constituído por diversos povos, cada qual com a sua língua. De acordo com Altenhofen et al. (2018), há cerca de 370 línguas ainda vivas no Brasil, dentre elas há línguas autóctones, como as línguas indígenas, e línguas alóctones, como as dos imigrantes.

A partir do século XIX, ocorreu um período de imigração europeia, quando muitos alemães chegaram ao Brasil. Durante esse processo de imigração, o povo alemão trouxe consigo a sua cultura, seus costumes e a sua língua. Diversas variações do idioma foram trazidas por diferentes grupos de alemães que chegaram no país. O Hunsrückisch é uma variedade linguística, herança cultural, trazida pelos imigrantes que habitavam Hunsrück, região centro-oeste da Alemanha. Altenhofen et al. (2018) identificou 14 variedades de alemão que foram trazidas com os imigrantes, porém o Hunsrückisch é a variedade mais difundida.

De acordo com o autor, a base dialetal ou regional do Hunsrückisch tem como origem desde o dialeto francônio-moselano até o franco-renano. Não há como afirmar exatamente de onde partiu a maioria dos imigrantes, mas há uma predominância das regiões renanas. A formação dessa variação está ligada aos diferentes contatos intervioletais e interlinguais, como o português já falado no Brasil.

O contato do Português Brasileiro com o Hunsrückisch apresenta reflexos na fala de muitos falantes e descendentes de falantes de Hunsrückisch. Como por exemplo a sonorização e desonorização de consoantes, conforme Schneider (2008) as trocas ocorrem nas consoantes oclusivas [b, d, g] ↔ [p, t k] e nas fricativas [ʃ] ↔ [ʒ], também há a variação que ocorre entre “r-forte” e “r-fraco” em onset silábico, tema de análise do presente trabalho.

Assim, a partir da variação linguística na fala de descendentes bilíngues Hunsrückisch e português, pretendemos investigar a produção de r-fraco em contextos de r-forte em palavras da língua portuguesa e verificar se determinados contextos linguísticos e sociais interferem nessa produção. Para a análise, serão realizadas entrevistas com homens e mulheres de diferentes idades e níveis de escolaridade.

Neste trabalho temos como objetivo analisar a variação na produção de /r/ em onset silábico do português falado dos moradores do município de Feliz – RS. Não há

muitos trabalhos que analisem a variação da produção dos róticos na região do Vale do Caí, onde o município de Feliz está situado, portanto, este trabalho é importante para documentar a fala dos felizenses e servir como base para futuras pesquisas no município e região.

Partimos das seguintes hipóteses a) as variáveis sociais (gênero, escolaridade e idade) são mais importantes para a aplicação da troca de róticos b) os homens tendem a utilizar com maior frequência o tepe c) quanto maior o nível escolar, menor é uso de r-fraco em contexto de r-forte d) o grupo de informantes mais velho tende a aplicar o r-fraco em contexto de r-forte e) a posição de ataque, tanto no início da palavra quanto no interior dela, favorecem a troca entre os róticos f) sílabas postônicas tendem a serem favoráveis para a troca de róticos.

O presente trabalho consistirá em seis capítulos. Após esta introdução, no próximo capítulo, 2, apresentaremos um resumo sobre a história da imigração alemã e informações sobre o município de Feliz. No capítulo 3, será apresentada a revisão bibliográfica da variação de /r/ em onset silábico. No capítulo 4, trataremos da metodologia. No capítulo 5, faremos a apresentação dos resultados, e finalizamos, no capítulo 6, com nossas considerações finais.

2 IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL

Neste capítulo, apresentaremos a história da imigração alemã no Brasil, faremos um breve histórico de Feliz – RS e abordaremos informações a respeito do Hunsrückisch, língua de imigração falada neste município, que servirá de base para o nosso estudo.

2.1 História da imigração alemã no Brasil

Em 1824, iniciou-se um processo de imigração que foi bastante propício tanto para o Brasil, país de destino, quanto para os países de origem dos imigrantes, especialmente os europeus, uma vez que estes estavam passando por um processo de industrialização, além de terem sofrido com as guerras napoleônicas. Sendo assim, a imigração tornou-se um meio de fugir do desemprego, da fome e da insegurança. Para o Brasil, era necessário que algumas áreas fossem povoadas, a fim de que as terras não fossem tomadas pelos países vizinhos. Outro objetivo da imigração no Brasil foi “embranquecer” a população predominantemente mestiça e negra; mais ainda, oportunizar a criação de uma classe de pequenos proprietários rurais, o que, segundo Assmann (2020), diminuiria o poder dos coronéis e caudilhos com a presença de colonos fiéis ao governo. Ademais, o objetivo era estimular a mão de obra livre e o plantio de novos produtos.

Para atrair os imigrantes alemães para o Brasil, o governo prometeu que pagaria as passagens da viagem ao Brasil e também garantiria a liberdade religiosa. A cada colono e chefe de família seria dada uma propriedade de terras, sendo elas para pastagem e lavoura, de mata virgem. Seriam concedidos, de forma gratuita, animais como cavalos, porcos, bois entre outros.

Movidos pela esperança de um recomeço e pelas vantajosas promessas oferecidas pelo governo brasileiro, muitas famílias alemãs deixaram a sua pátria. Para isso, muitos venderam suas terras. Nesse período, imigraram para o Brasil artesãos, agricultores, grupos de sem-terra e vários condenados por pequenos delitos.

Inicialmente, o governo brasileiro não tinha o interesse de trazer colonos ao país, mas, sim, soldados. Todavia, o recrutamento de soldados era proibido na Europa depois da derrota de Napoleão, por esse motivo ocorreu de forma secreta.

O Brasil era um país jovem e de independência recém declarada, logo, necessitava de mais habitantes e de mais mão de obra para o imenso território. Ademais, o imperador D. Pedro intentava formar um exército com soldados europeus, uma vez que Portugal ainda não havia reconhecido a independência da antiga colônia; sendo assim, era necessário estar preparado para uma possível invasão.

A viagem dos imigrantes da Alemanha para o Brasil, no início do século XIX, ocorreu por meio de veleiros, geralmente de três mastros. Eram bastante precárias as condições a que os passageiros eram submetidos. A travessia de Hamburgo para a cidade do Rio de Janeiro durava cerca de cem dias, podendo ser menos, caso o vento fosse favorável.

No início do século XIX, já haviam sido fundadas colônias alemãs no nordeste e sudeste brasileiro, porém, de acordo com Spinassé (2008), elas não obtiveram êxito, pois não resguardaram as características originais de colônia, que prevê o trabalho rural e comunitário.

Ainda no início do século XIX, o Rio Grande do Sul permanecia bastante isolado. Assmann (2020, p.11) cita que, em 1822, existiam em torno de cem mil habitantes no estado:

No Planalto Setentrional havia cerca de 10 mil habitantes, sendo 6.750 na região das missões e o restante nos Campos de Cima da Serra, na região ao redor de Vacaria. [...] No litoral, entre Torres e Santa Vitória do Palmar, estavam 23.960 habitantes (22% da população). Na Depressão Central, concentrava-se a maior fatia (36%) graças a Porto Alegre (com 10.000 habitantes) e Rio Pardo (com 3.600). O restante 31% estavam espalhados pela Campanha, que contava com 22.000 habitantes.

Os primeiros alemães desembarcaram em 25 de julho de 1824 na atual cidade de São Leopoldo. As primeiras colônias estavam localizadas próximas aos rios pois serviam como transporte fluvial para recebimento de equipamentos e envio de produtos. Em 1826, os imigrantes formaram um núcleo de moradores em Linha São José do Hortêncio, atual município de São José do Hortêncio, que era pertencente à Vila de São Leopoldo. O governo brasileiro tinha como objetivo povoar o sul do país por conta dos países hispânicos que faziam fronteira e, assim, evitar invasões.

Essa primeira leva de imigrantes contou com nove famílias, totalizando 39 pessoas. Assmann (2020) menciona que, entre 1824 e 1830, chegaram ao Rio Grande do Sul cerca de 5.350 alemães. Entre 1839 e 1844 a imigração foi

interrompida por conta da Guerra dos Farrapos¹. Após esse período, chegaram 20.000 imigrantes até o ano de 1889. Estima-se que vieram para o Rio Grande do Sul cerca de 50 mil alemães, criando 142 colônias.

O processo de colonização do sul do Brasil foi bastante desafiador. De acordo com Braun (2016), o império designava aos imigrantes terras que pertenciam a famílias portuguesas. O governo demorou para medi-las, pois os engenheiros cartográficos do governo não eram suficientes para demarcar os lotes.

Os alemães tiveram dificuldades em se adaptar ao Novo Mundo, não somente por conta dos problemas com as demarcações dos lotes, mas também por não possuírem material apropriado para a construção de moradias e pela escassez de comida. Não encontraram os campos com moradias, animais, sementes e árvores frutíferas, mas encontraram floresta virgem que tiveram que desbravar. De acordo com Braun (2016), a dieta alimentar dos imigrantes se limitava ao aipim, à farinha de mandioca, ao feijão, à abóbora e à batata.

Durante o processo de desbravamento, foram criadas várias comunidades distintas e independentes. Grupos de imigrantes abriam uma clareira na mata para si e permaneciam nela, porém de forma isolada. Por esse motivo, os imigrantes alemães tinham pouco contato com os portugueses e seus descendentes ou com outros grupos de imigrantes. Conforme Spinassé (2008, p. 119), no Brasil, onde havia o português como língua oficial, o povo alemão criou “clareiras” – as colônias –, onde uma língua estrangeira era falada. Dentro dessas “ilhas linguísticas”, os moradores não vinham de uma mesma região. Outro fator que fortaleceu a língua alemã no Brasil foi a falta de assistência do Império para os colonos; de acordo com Spinassé (2008, p. 119),

Em uma primeira fase do processo de imigração, as colônias vivenciaram de forma especial a característica de “ilha”. A vida em um tipo de comunidade fechada contribuiu para que a língua alemã se desenvolvesse forte e presente – embora para a grande maioria não houvesse mais nenhum contato com a Alemanha. Como o governo brasileiro praticamente não lhes deu auxílio para as questões diárias, eles tiveram que construir sua própria estrutura comunitária (escola, igreja, clube...). Com isso, a escola não ensinava português, mas sim alemão, a única língua que o professor sabia. Da mesma forma, os cultos aconteciam em alemão, já que o pastor era, muitas vezes, um dos imigrantes. Assim, existia uma pequena “Alemanha” durante alguns anos dentro de um espaço linguístico do português.

¹ A Guerra dos Farrapos (1835-1845) foi uma guerra regional contra o governo imperial brasileiro. Nesse período a província de São Pedro do Rio Grande do Sul, atual estado do Rio Grande do Sul, declarou a sua independência dando origem à República Rio-Grandense.

Nessas comunidades criadas pelos imigrantes, os moradores geralmente não vinham do mesmo lugar, pois, no início do século XIX, a Alemanha ainda não constituía um Estado — era formada pelo Império Austríaco. Por esse motivo, havia prussianos, pomeranos, austríacos, suíços, renanos, bávaros, entre outros povos.

Durante o período de 1840 a 1860, foram loteadas terras do médio Caí, onde surgiu a região do Vale do Caí. Em 1846, tiveram a sua origem os municípios de Bom Princípio e Feliz; no ano de 1848, foi criado o município de São Sebastião do Caí; a cidade de Montenegro foi criada em 1857, dando seguimento à região do Vale do Caí, também conhecida como Vale da Felicidade, que iniciou com a colonização da cidade de São José do Hortêncio. O “Vale da Felicidade” recebe esse nome por dois motivos: pelo fato de a região realizar mais de 300 eventos por ano, principalmente as festas de colheita, os festivais folclóricos e manifestações artísticas com origem na cultura alemã; e pelo fato de esta ser reconhecidamente uma das regiões de melhor qualidade de vida do Brasil.

2.2 Município de Feliz

A cidade de Feliz foi escolhida para a presente análise por ter sido colonizada por imigrantes alemães e por fazer parte de uma das regiões em que há mais registro de r-fraco (Anexo 1). No município, ainda se preserva a cultura de seus primeiros habitantes, com festas típicas, arquitetura das casas, culinária e a língua – é possível encontrar pessoas falando o dialeto Hunsrückisch no comércio, em conversas informais, em diferentes ambientes.

De acordo com Assmann (2020), o município possui uma área de 95,37 km² e é dividido em zona rural e zona urbana. Ao norte, limita-se com Vale Real e Alto Feliz; ao sul, com São Sebastião do Caí e São José do Hortêncio; a leste, com Nova Petrópolis e Linha Nova; e, a oeste, com Bom Princípio. O município é formado por sete bairros, sendo eles Centro, Bela Vista, Canto do Rio, Matiel, Picão, Vale do Hermes e Vila Rica, e conta com 12 localidades – Arroio Feliz, seu primeiro nome era Kaudenbach. Esse nome era a junção de Kauden, sobrenome de um dos moradores da localidade, e “bach”, que significa arroio em alemão. Bananal, Bom Fim, Coqueiral que inicialmente era chamada de Palmenthal, Escadinhas, Linha Temerária, Morro das Batatas, Nova Caxias, Picada Cará, que inicialmente era chamada de Thawaks Tahl, por conta das plantações de tabaco que existiam lá. Roncador, São Roque, que

primeiramente era chamada de Bohnenthal, por conta dos moradores de sobrenome Bohn e Vale do Lobo. Durante a Segunda Guerra Mundial, como foi proibido o uso da língua alemã, foi necessário alterar o nome de algumas localidades.

Conforme Assmann (2020), Feliz foi colonizada a partir de 1846. O encarregado da colonização foi o Dr. Daniel Hillebrandt, que foi nomeado diretor da colônia São Leopoldo e recebeu do governo imperial um conjunto de 139 lotes, que iniciavam junto ao arroio Forromeco e seguiam até o arroio do Ouro. Com os primeiros colonizadores que chegaram, foram ocupados cerca de 47 lotes, alguns deles foram ocupados por famílias e outros por pessoas solteiras (informação verbal)².

Em 1853, a cidade já contava com 90 famílias, algumas vindas de outras colônias, como a família Ruschel; de Estância Velha, como as famílias Simon, Berwanger, Nedel, Dill, Henz; e outras de São José do Hortêncio. Outras famílias, ainda, vieram diretamente da Alemanha, da região do Reno, como a família Flach, Rauber, Friedrich, Kaspary, Vetter, Scherer, Klein, Noll e Spohr.

O governo imperial não disponibilizou aos colonos nenhuma forma de ensino. Assim, os próprios imigrantes se organizaram e criaram uma escola de alfabetização, onde as aulas eram em alemão, pois era a única língua que a comunidade falava. As crianças, então, aprendiam aritmética e eram alfabetizadas em alemão (informação verbal)³.

Michel Bartel foi um professor paroquial que veio da região de Wolfersweiler, na Alemanha. Bertel fazia parte de uma família de professores na Alemanha e se estabeleceu onde hoje é o Vale do Hermes. As aulas ocorriam onde hoje é o Morro das Batatas, mas era de difícil acesso para os moradores do centro, por conta da subida íngreme, então as aulas também passaram a ser ministradas em sua casa, no Vale do Hermes (informação verbal)⁴.

Em 1888, a então chamada Picada Feliz tornou-se Vila Feliz, e era subordinada ao município de São Sebastião do Caí. Posteriormente, em 1959, foi decretada a emancipação política do município, que passou a denominar-se Feliz.

Feliz mantém suas tradições alemãs até os dias de hoje, principalmente em suas festas. Assmann (2020) cita que o Festival Nacional do Chopp é uma festa anual que ocorre no mês de abril, mas foi inspirada na Oktoberfest de Munique, na Alemanha.

² Informação passada pela professora Maria Romana Winter Selbach em 11 de outubro de 2022.

³ Informação passada pela professora Maria Romana Winter Selbach em 11 de outubro de 2022.

⁴ Informação passada pela professora Maria Romana Winter Selbach em 11 de outubro de 2022.

No ano de 1966, Victor Ruschel foi à Alemanha e vivenciou a Oktoberfest. Inspirado com tudo o que vivenciou, trouxe a ideia de ser criada uma festa com as mesmas características no município de Feliz. Então, no dia 20 de abril de 1968 ocorreu a primeira edição do Festival do Chopp. A criação do Festival está ligada com a criação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Feliz, pois, para que a festa do Festival do Chopp tivesse as características idênticas às da Oktoberfest, foi necessário formar um grupo de danças. O Grupo de Danças Folclóricas de Feliz é o segundo mais antigo do estado do Rio Grande do Sul.

O município de Feliz é também a capital gaúcha da cerveja artesanal e, assim como o Festival do Chopp, começou com a família Ruschel, em 1893. João Ruschel fundou a fábrica de cerveja João Ruschel. No ano de 1934, Victor Ruschel assumiu a direção da fábrica e alterou o nome para Cervejaria Ruschel, e, em 1959, passou a chamar-se Cervejaria Polka.

Em 1972, a Cervejaria Polka foi incorporada pela Serramalte S.A. e, em 1980, foi adquirida pela Antártica Paulista. A Antártica chegou a ter mais de 300 funcionários, mas, com a aplicação de novas tecnologias nas décadas de 1980 e 1990, reduziu gradativamente a mão de obra. Porém, no ano de 1997, a Antártica fechou no município de Feliz.

Todavia, o desejo pela produção de cerveja permaneceu no coração de muitos, e isso fez com que quatro ex-colegas da época da Antártica se reunissem novamente e criassem a Cervejaria Altenbrück (inicialmente seu nome era Eisenbrück). No dialeto, seu nome significa “ponte antiga”, em homenagem à ponte de ferro de Feliz. A partir da Altenbrück, outras cervejarias surgiram no município, como a cervejaria Takaha (antiga Kaltbach) e a cervejaria Lamb.

Por conta dessa tradição cervejeira na cidade de Feliz, a cada dois anos, no mês de novembro, ocorre o Encontro de Cervejarias Artesanais, em que há exposição de cervejarias artesanais – algumas de outros municípios –, festival de bandas e jogos germânicos. Além disso, estão presentes o comércio de artesanatos e comidas típicas.

No mês de novembro, também a cada dois anos, intercalando com o Encontro de Cervejarias, ocorre a Festa da Amora e Morango (FENAMOR). O evento foca no turismo e na divulgação da agricultura, indústria e comércio local, além da cultura e tradição.

2.3 Hunsrückisch

Todas as línguas variam de acordo com a classe social, as diferentes gerações, o sexo, conforme o contexto falado e escrito, entre outras situações intra e extralinguísticas. De acordo com Coseriu (*apud* Altenhofen et al. 2018, p. 23), a noção de Hunsrückisch é equivalente a uma abstração, como qualquer variedade de língua natural, o Hunsrückisch é a realização, na fala, de um sistema linguístico, um conjunto organizado de conhecimentos armazenado na mente-cérebro dos falantes.

O Hunsriqueano ou Hunsrückisch riograndense é uma língua de imigração falada pelos imigrantes alemães que vieram ao Brasil em 1824 e se instalaram no Sul do país, proveniente de Hunsrück, uma região montanhosa da atual Alemanha, próxima das fronteiras de França e Luxemburgo.

Além da região de Hunsrück, alguns imigrantes vieram de outras partes da atual Alemanha e trouxeram consigo suas variedades linguísticas. De acordo com Spinassé (2008, p. 117):

Esses diferentes dialetos foram trazidos para o Brasil, onde entraram em contato direto uns com os outros dentro de uma mesma comunidade. Em comunidades homogêneas o dialeto corrente era também a variante da maioria e foi mantido; nas colônias heterogêneas houve um processo inevitável, natural e muito forte de mistura de elementos dessas variedades orais, sendo que a variante da maioria normalmente se sobrepunha às demais.

De acordo com Altenhofen et al. (2018, p. 24), o Hunsrückisch é uma das línguas de imigração mais difundidas dentre as 14 variedades linguísticas alemãs trazidas ao Brasil identificadas até agora. Conforme Spinassé (2008, p. 121), o Hunsrückisch originou-se da fusão de diferentes dialetos em solo brasileiro, como um coiné, a partir do dialeto francônio-renano, utilizado por grande parte dos imigrantes alemães, mesclou-se com variações inter e intralinguais, todavia estreitamente ligados entre si através de estruturas básicas, com determinadas diferenças na fonologia e no léxico. Portanto, o Hunsrückisch, assim como qualquer língua natural, sofre processos de variação linguística.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

No presente capítulo, pretende-se abordar alguns aspectos sociolinguísticos que servirão de base para o desenvolvimento deste trabalho. Partiremos de William Labov (2008 [1972]) e de sua Teoria da Variação Linguística. Em seguida, será apresentado o /r/ no português brasileiro. Na subseção 3.2.1, faremos a revisão bibliográfica de trabalhos sobre a variação na produção dos róticos no português falado no sul do Brasil e da produção dos róticos no português em contato com a língua de imigração Hunsrückisch, exceto na subseção 3.1.5, em que será apresentado um estudo em que foi analisado o português em contato com o italiano em municípios de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

3.1 Sociolinguística variacionista

A língua é uma forma de comportamento social e é utilizada por seres humanos em um contexto social. Uma área que estuda essa questão é a Sociolinguística.

Os estudos sociolinguísticos de Labov (2008 [1972]) iniciaram-se nos anos 1960, na ilha de Martha's Vineyard, onde foi observada a pronúncia dos ditongos centralizados /ay/ e /aw/, e em Nova York, onde foi observada, em diferentes lojas de departamento, a estratificação social da pronúncia de /r/.

Na pesquisa que realizou em Martha's Vineyard, Labov (2008 [1972]) buscou compreender o que motivava a centralização vocálica na fala de moradores da ilha. Para a realização da pesquisa, Labov (2008 [1972]) fez entrevistas, questionários e utilizou textos para embasar seus argumentos.

Martha's Vineyard possui quatro grupos étnicos: os descendentes de tradicionais famílias inglesas, que se estabeleceram na ilha entre os séculos XVII e XVIII; os descendentes de portugueses, que são imigrantes dos Açores, Cabo Verde e da Madeira; também os descendentes de indígenas; e o quarto grupo é um misto de várias origens, como ingleses, franco-canadenses, irlandeses, alemães e poloneses.

A alta centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ está relacionada à resistência, pois, mesmo em contato com os veranistas, os moradores da ilha preservam a sua identidade. Para os chilmarkenses, os ocupantes da ilha alta, a fala assume uma carga emocional e dramatizada, um sentimento de pertencimento à localidade, mesmo que necessitem ir para outro local, aumentando ou diminuindo o grau de centralização de

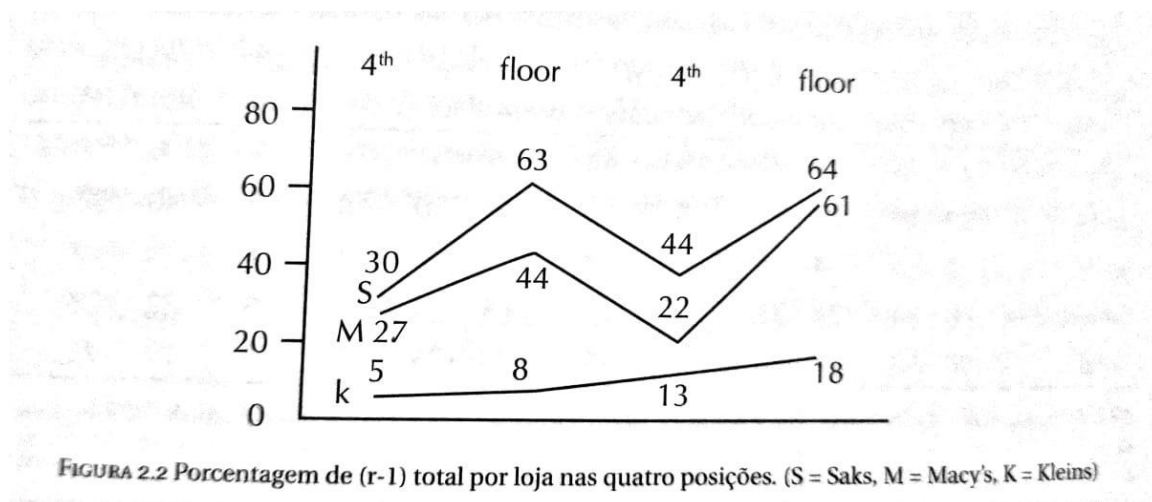
acordo com a permanência ou afastamento da ilha; enquanto, para os portugueses, representa a própria identidade como ilhéu; e os indígenas, por sua posição, acabam adotando muitos dos valores dos chilmarkenses. Logo, vemos a centralização desses ditongos como uma marca de identidade.

Na cidade de Nova York, Labov (2008 [1972]) verificou como a realização de /r/ era um diferenciador social na fala dos nova-iorquinos. A pesquisa foi realizada em lojas de departamento em que o pesquisador fez entrevistas monitoradas e a observação da fala das pessoas em contexto natural.

Com o intuito de comprovar a sua hipótese, Labov (2008 [1972], p. 65) afirma que “se dois subgrupos quaisquer de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do /r/”. Labov (2008 [1972]) realiza uma pesquisa entre vendedores de três lojas de departamento, levando em consideração o status da loja no momento da escolha e o posto de trabalho. Foram escolhidas as seguintes lojas: Saks, que possuía um status superior; Macy’s, com status mediano; e Kleins, com status inferior. Na pesquisa, o autor levou em consideração os anúncios de preços de cada loja, a estrutura, o salário dos funcionários e o prestígio social da loja, juntamente com seus vendedores.

Durante a pesquisa, Labov (2008 [1972]) identificou que na loja Saks havia mais a produção de /r/, descrito no livro como (r-1); ademais, seus funcionários eram mais seguros no aspecto linguístico. Percebeu-se que o grupo com maior prestígio exibiu a alternância estilística mais extrema de /r/. Essa análise foi realizada comparando com o número de itens em que um falante distingue entre sua própria pronúncia de uma palavra e a pronúncia correta. A figura a seguir representa a alternância estilística de /r/ percebida no estudo. É possível notar como na loja Saks, representada pela letra S, há maior alternância que nas demais lojas, sendo a Kleins, representado pela letra K, a que apresenta menor alternância.

Figura 1 - Alternância estilística de /r/



Fonte: Labov (2008 [1972] p. 73)

Outro aspecto identificado foi a relação da etnia com a produção de /r/, situação na qual, quando havia mais negros ou latinos, havia menor produção de /r/.

Através dessa pesquisa, Labov (2008 [1972]) concluiu que houve o uso diferenciado de /r/: vendedores das lojas de maior prestígio produziam o /r/ em sua fala, enquanto as de menor prestígio pouco se pronunciava o /r/. No momento da pesquisa, o /r/ era um marcador de prestígio na fala dos nova-iorquinos, e pessoas de classe mais alta utilizavam o /r/ em sua fala desde muito cedo em suas vidas. Nota-se aqui, portanto, um uso estratificado e avaliativo na produção do /r/.

Existem áreas de estudo da Sociolinguística que se preocupam mais com a língua em seu uso real, que têm sido chamadas de “etnografia da fala” (Hymes, 1962). São áreas que traçam um pequeno panorama da etnografia da fala. Porém, neste trabalho, se faz presente a ideia do estudo da estrutura e da evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala, sendo a língua sistemática e ordenada por fatores linguísticos e sociais.

A noção de *langue* de Saussure (1916), que é a parte social da língua, é compreendida por vários linguistas, todavia não leva em consideração a vida social. Para Labov (2008 [1972]), em seu livro *Padrões Sociolinguísticos* (2008 [1972]), a língua deve ser um instrumento de comunicação usado pelos falantes. Para o linguista estadunidense, a variação é inerente a todas as línguas naturais – logo, todas as línguas apresentam variações linguísticas, e, para haver variação, é necessário considerar que as formas devem ser intercambiáveis.

Assim como Labov (2008[1972]), Battisti (2014, p. 12) também analisa a variação linguística e aponta que ela não ocorre de forma eventual, mas está relacionada com as tendências de usos e com as características sociais dos falantes, como idade, gênero e grau de escolaridade. No entanto, embora haja uma estrutura de superfície que se molda às condições socioculturais de uma comunidade, há uma estrutura interna sólida (BISOL, 2014, p.19). Ou seja, ocorrem alterações na língua, mas isso não afeta o seu sistema interno.

No português brasileiro, as diferentes maneiras de realizar o /r/ podem demarcar regiões e culturas, assim como podem sinalizar prestígio ou preconceito linguístico e social (BATTISTI, 2014).

Na próxima seção, apresentaremos a revisão de trabalhos variacionistas sobre o /r/ falado em sua maioria no Rio Grande do Sul.

3.2 Estudos variacionistas

Nesta seção, trataremos da nossa revisão de estudos variacionistas sobre o /r/. Antes, porém, de faremos uma apresentação fonética do nosso objeto de análise.

3.2.1 O /r/ no português brasileiro

O /r/ representa uma consoante e é pronunciado de diferentes formas, dependendo do dialeto do português brasileiro. Monaretto (2014, p. 121) explica que, no português brasileiro, as articulações de /r/ são dependentes do dialeto e contexto linguístico. Conforme MONARETTO et al. (2014, p. 212):

As modalidades articulatórias do r são dependentes do dialeto e do contexto linguístico. Na posição pré-vocálica (rato, honra), ocorre a vibrante forte, independentemente de sua realização fonética; em posição pós-vocálica (carne, mar), o contexto de maior variação, predomina a simples em dialetos do Sul; em grupo consonântico (prato), só aparece a vibrante simples; na posição intervocálica, a diferença é importante, pois distingue significados como em caro/carro, era/erra, muro/murro. Entre vogais, pois, há oposição fonológica.

A vibrante múltipla é produzida quando a ponta da língua gera vibrações. Em algumas variedades do português brasileiro, essa produção geralmente ocorre em palavras como “marra” (ma[r̃]a), “roda” ([r̃]oda), “carro” (ca[r̃]o), entre outras.

A produção retroflexa ocorre quando o palato duro é o articulador passivo e a ponta da língua o articulador ativo. É produzida quando a ponta da língua é elevada e curva-se em direção ao palato mole. A produção do “r” retroflexo é característico da região norte de São Paulo e sul de Minas Gerais.

O tepe, também conhecido como vibrante simples, é produzido quando a língua toca rapidamente os alvéolos, permitindo uma oclusão total e breve. A produção do tepe geralmente ocorre em encontros consonantais, como “prato” e “livro”; no final de sílaba, como na variedade do Sul do Brasil, por exemplo, na palavra “carta”; e em posição intervocálica, como nas palavras “caro” e “areia”.

A fricativa glotal desvozeada [h], segundo Silva (2003), é uma variante comum no dialeto de Belo Horizonte. Não ocorre fricção audível no trato vocal. Encontra-se em início de palavra, como em “rata”, em início de sílaba precedida por vogal, como em “marra”, na posição coda, quando seguido por consoante desvozeada, como em “carta”, em final da sílaba, no final da palavra, como em “mar” e em início de sílaba precedida por consoante como em “Israel”.

A fricativa velar desvozeada [x], de acordo com Silva (2003), é uma variante comum no dialeto carioca. Ocorre fricção audível na região velar. Encontra-se nos mesmos contextos da fricativa glotal desvozeada.

No Rio Grande do Sul, é utilizada a vibrante alveolar, muito devido às influências do contato com outras línguas. No Hunsrückisch, uma das línguas de imigração falada no Estado, existe apenas uma vibrante, o tepe [r] (STEFFEN, 2013, v. 28, p. 244). Segundo Monaretto et al. (2014, p. 217), há a troca da vibrante múltipla pelo tepe em todos os contextos, até mesmo entre vogais. Segundo Schneider (2008 p. 78), em comunidades bilíngues (alemão e português), o falante transfere sons do sistema da L1 para o da L2. Sendo assim, em comunidades teuto-brasileiras, pode ocorrer a neutralização da vibrante r-forte – r-fraco e assim acarretar dificuldades em estabelecer o contraste fonêmico entre o r-forte e r-fraco no português, conforme cita Schneider (2008, p. 85).

3.2.2 Monaretto (1992)

Monaretto (1992) analisou dados do projeto VARSUL – Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil. Foram ouvidos 12 informantes de cada capital (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), selecionados de acordo com as seguintes

características sociais: sexo/gênero (feminino e masculino), idade (de 20 a 30 anos e acima de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásial e segundo grau). A pesquisa ainda contava com os seguintes pré-requisitos: falar apenas português; ter morado na cidade pelo menos 2/3 de sua vida; não ter morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua materna, entre os 2 e 12 anos; e ter os pais também morando pelo menos 2/3 de suas vidas na cidade.

O trabalho de Moanaretto não analisa línguas em contato e os resultados obtidos referem-se às posições coda (mar) e onset silábico com tepe intervocálico propriamente dito (cadeira, oração, dinheiro).

A autora considerou variável dependente e variáveis independentes, linguísticas e extralinguísticas. Na variável dependente, foram avaliadas a vibrante e suas quatro variantes: vibrante anterior; vibrante posterior; tepe e retroflexa.

As variáveis independentes linguísticas observadas pela autora foram: a) posição da sílaba; 1. r na posição de ataque, em início de palavra; 2. ataque, no interior da palavra, precedida por consoante; 3. entre vogais; 4. na coda, interior da palavra; e 5. na coda, final de palavra; b) contexto precedente: 1. vogal anterior oral; 2. vogal posterior oral; 3. vogal anterior nasal; 4. vogal posterior nasal; fricativa alveolar; fricativa palatal; lateral; vibrante e vazio. c) contexto seguinte: 1. consoante homorgânica com a vibrante; 2. consoante não-homorgânica com a vibrante; 3. vogal; e 4. vazio. d) acento: 1. sílaba acentuada ou 2. sílaba não acentuada. e) velocidade da fala: 1. ritmo moderado de fala, pronúncia menos acelerada; e 2. ritmo alegre, com a pronúncia mais acelerada.

As variáveis independentes extralinguísticas analisadas pela autora, conforme já mencionado acima, foram: a) sexo/gênero; b) faixa etária; c) escolaridade; e d) grupo geográfico, em que analisou a fala de informantes das capitais selecionadas.

Monaretto (1992) apresenta os seguintes resultados para a análise das variáveis linguísticas. Na ocorrência total das variantes da vibrante, obteve 3994 realizações, e o tepe foi a variante mais utilizada nas três comunidades analisadas, com um total de 1582 resultados, correspondendo a 40%. Em seguida, a variante mais utilizada foi a vibrante posterior, com 1570 ocorrências, correspondendo a 39%, a ocorrência de vibrante anterior foi identificada 627 vezes, correspondendo a 16%, e a retroflexa, com 215 ocorrências, correspondendo a 5%. Esses resultados referem-se as posições coda e onset.

Na análise da posição da sílaba, Monaretto destaca que foi o grupo de fatores em que mais foi possível perceber contrastes numéricos e que a posição da vibrante na sílaba desempenha um papel importante na sua realização fonética. Entre vogais, como na palavra *terra*, a variante mais utilizada foi a vibrante posterior, com 408 ocorrências, correspondendo a 64% e peso relativo 0,85. Já o tepe foi a segunda variante menos utilizada, obteve 6 ocorrências, correspondendo a 1% e peso relativo 0,01. Na posição de ataque, início da palavra, como em *rato*, o r-posterior também foi o mais utilizado, com 552 ocorrências, correspondendo a 69% e peso relativo de 0,85. O tepe foi a variante com menos registros, na posição de ataque, com 8 ocorrências, correspondendo a 1% e peso relativo de 0,01. Na posição de ataque, precedido por consoante, como na palavra *honra*, a variante mais utilizada foi a vibrante anterior, com 8 ocorrências, 27%. Não houve ocorrências de tepe nessa posição. Também foi analisada a vibrante em posição coda, no interior da palavra, como na palavra *parte* e no final, como na palavra *mar*. Nas duas análises o tepe foi a vibrante mais utilizada. Em coda no interior da palavra houve 1229 ocorrências, totalizando 61% e peso relativo de 0,66. Em coda, final de palavra, houve 339 ocorrências de tepe, 64% e peso relativo de 0,66.

Na análise do contexto precedente, observou-se que, em vogal dorsal nasal, como na palavra *honra*, a variante mais utilizada foi a vibrante posterior, com 37 aplicações, 66%. Não houve ocorrência de tepe. Em vogal coronal nasal, como na palavra *genro*, a variante mais utilizada também foi a vibrante anterior, com 16 aplicações, 57%, sem registro de uso de tepe também. Em fricativa alveolar, como em *Israel*, a vibrante anterior foi a variante mais utilizada, com 22 registros, 54%, sem registro de utilização de tepe. Em fricativa palatal (*I[j]rael*), o único registro de variante utilizada foi a vibrante anterior, com 7 aplicações, totalizando 100%. Em vibrante, como *ar ruim*, não houve registro de utilização de vibrante anterior e nem de tepe, apenas de vibrante posterior e retroflexa, ambas com 1 registro cada. Em vazio (*#rato*, *#rua*), houve o registro de 39 aplicações de vibrante anterior, 63%, e 5 aplicações de tepe, 8%. Em lateral, como na palavra *guelra*, houve apenas 1 registro de vibrante posterior, 100%.

Nessa análise, foi possível perceber um alto índice de knockouts, com ocorrências ou ausências categóricas (0% e 100%). Para rodar no programa M-VARB, foi necessário retirar os knockouts. Monaretto (1992) optou por amalgamar os fatores vogais nasais, consoantes e vazio, sob o título de consoantes, e deixar os fatores

vogais orais anterior e posterior separados, porém os resultados foram muito próximos. A autora fez nova amalgamação, e os novos resultados mostraram que o contexto que precede a vibrante não interfere na manifestação fonética da vibrante, pois os pesos relativos entre consoantes e vogais são muito próximos e abaixo de 0,33. Monaretto (1992) concluiu que, de modo geral, o contexto precedente não desempenha papel na manifestação da vibrante.

Na análise do contexto seguinte, Monaretto (1992) analisa o r principalmente em posição final de palavra ou sílaba, como nas palavras carta, carga, maior e mar. A partir disso, verificou que consoante não homorgânica e pausa aproximam-se da faixa neutra de 0,50 (variante posterior 0,45 e retroflexa 0,41). Os demais fatores obtiveram pesos relativos iguais ou inferiores a 0,38. Em vogal, como nas palavras “carro” e “rato”, a variante mais utilizada foi vibrante a anterior, com 467 aplicações, 29% e peso relativo 0,38, já o tepe foi a segunda variante menos utilizada, com 143 aplicações, 9% e peso relativo de 0,25.

O fator velocidade na fala não apresentou resultados significativos em relação aos pesos relativos. Observou-se que, nas entrevistas, o ritmo moderado foi o mais utilizado, com 2890 ocorrências, enquanto o ritmo alegre (acelerado), teve 1104 dados. Monaretto verificou que não há diferença entre tepe e vibrante posterior no que diz respeito a esse fator. As duas variantes apresentaram 41% de ocorrência em ritmo acelerado. Portanto essa variável linguística não é considerada relevante.

A análise do acento também se mostrou irrelevante. Identificou-se uma diferença mínima na variação da vibrante localizada na sílaba acentuada, 1915 dados, em comparação com a vibrante localizada na sílaba não-acentuada, 2079 dados. Os pesos relativos variaram entre 0,22 e 0,28.

Monaretto (1992) constatou que, dentre as variáveis linguísticas analisadas, apenas a posição na sílaba se destacou, pois, a coda e o ataque manifestaram preferências: tepe e retroflexa são favorecidos pela coda e a vibrante (posterior ou anterior) é favorecida pelo ataque.

Monaretto (1992) apresenta os seguintes dados das variáveis extralinguísticas: Na análise do grupo geográfico, foi possível perceber que o uso das variantes está condicionado à localidade. Em Curitiba, a vibrante anterior é mais utilizada (0,66), assim como a retroflexa (0,78), enquanto em Porto Alegre é o tepe a vibrante mais realizada (0,41). Em Florianópolis, houve um predomínio do uso da vibrante posterior

(0,99). Na posição de ataque, Porto Alegre foi a capital que mais utilizou tepe, com 12 ocorrências.

Na análise da variável sexo, Monaretto identificou que as mulheres produzem mais a vibrante posterior do que a anterior (0,32 x 0,21), enquanto os homens utilizam mais a vibrante anterior do que a posterior (0,27 x 0,18). A retroflexa também é uma variante mais utilizada pelos homens, enquanto o tepe é mais usado pelas mulheres.

Na análise da faixa etária, foi possível perceber que a variante retroflexa é mais utilizada no grupo mais jovem (de 25 a 50 anos) e a vibrante posterior foi observada na faixa de mais de 50 anos. Ao cruzar os dados da faixa etária e posição na sílaba, foi possível identificar que a vibrante anterior é mais utilizada pelo grupo acima dos 50 anos e na posição de ataque, com 41%, enquanto os mais jovens optam pela vibrante posterior, com 77%. O tepe aparece em ambas faixas etárias em coda, com percentual próximo a 60%.

Na análise do fator escolaridade, de acordo com a pesquisadora, à medida que o grau escolar aumenta, tende a haver troca da vibrante anterior para a vibrante posterior. Ao cruzar os dados da escolaridade com a posição na sílaba, é possível perceber uma predominância do uso do tepe em coda e da vibrante posterior no ataque.

Na sua análise de dados, Monaretto conclui que os fatores mais relevantes foram a posição na sílaba, como fator linguístico, e a posição geográfica, como fator extralinguístico.

3.2.3 Schneider (2008)

Em seu trabalho, Schneider (2008) analisou como o Hunsrückisch influencia na fala e na escrita do português dos estudantes do ensino fundamental I. Para isso, a autora entrevistou professores do município de Tupandi, que pertence ao Vale do Caí e foi colonizado por alemães. Schneider (2008) analisou atitudes e concepções linguísticas (crenças e preconceitos) a respeito do “sotaque alemão”.

De acordo com Weinreich (1974, apud SCHNEIDER, 2008, p. 78), a “interferência fônica” ocorre quando um falante bilíngue transfere sons da sua língua primária para a língua secundária. A neutralização do /r/ é um traço característico do português de contato com o alemão e do português de contato com o italiano.

Schneider (2008) entrevistou 20 professores do ensino fundamental I, dos quais 19 eram bilíngues alemão e português. Para a coleta de dados, utilizou uma ficha sociolinguística, um questionário, 19 entrevistas individuais e observações e gravações em áudio e vídeo das aulas.

A autora identificou que entre os entrevistados 18 informaram que percebem diferenças na produção oral dos alunos que são falantes de português e alemão para os que apenas falam português. Alguns professores chegaram a comentar com a pesquisadora que percebiam que os alunos que falam somente o alemão em suas casas tinham dificuldades na fala e na escrita, pois trocavam as letras “j/ch, g/c, t/d e p/b”.

Durante a entrevista com as professoras, Schneider (2008) observou que inclusive as profissionais da educação mencionaram possuir dificuldades na escrita de algumas palavras, na diferenciação do uso de r/rr, p/b e ss/s, e afirmaram sempre ter consigo um dicionário para consulta.

Na coleta de dados, percebeu-se um grande número de casos de neutralização da vibrante, no total de 33 contextos de /r/ houve 20 ocorrências de neutralização.

Neste trabalho, Schneider (2008) pesquisou como o preconceito linguístico está presente na sociedade e como, muitas vezes, a escola não trata essa característica da fala como uma herança linguística, mas como um erro que deve ser corrigido.

3.2.4 Steffen (2013)

Steffen (2013) realiza análises com informantes de cidades de imigração alemã, como Ivoti, Dois Irmãos, Harmonia, Forquetinha, Lajeado e Panambi. A autora coletou dados de 44 descendentes de imigrantes de três modos: a conversa livre, respostas a perguntas e leitura, sendo este um estilo menos espontâneo. Steffen (2013) analisou se os informantes pronunciavam adequadamente o r-forte nos contextos exigidos pela língua portuguesa, posição inicial da palavra e posição prenuclear intervocálica. A autora verificou que há variação na realização de r-forte mesmo no estilo monitorado, como a leitura, e há uma preferência pela utilização de r-fraco em comparação ao r-forte (seja vibrante múltipla, seja fricativa velar).

Os resultados apresentados pela autora indicam a ocorrência de r-forte em 44% dos dados analisados (38% em posição inicial e 51% em posição intervocálica) e de r-fraco em 56% (62% em posição inicial e 49% em posição intervocálica). De acordo

com os dados obtidos, a autora percebe que há uma maior facilidade de pronunciar o r-forte em posição intervocálica do que em início de palavra e considera que uma das possíveis explicações para isso seria que os informantes se apoiam na grafia, considerando que as palavras com r-forte em posição intervocálica são escritas com duplo r (rr), enquanto na posição inicial é escrito com um r simples.

O contexto fonético também exerceu influência sobre a pronúncia do r. Steffen (2013) observou que praticamente metade das realizações do r-forte, em posição inicial, ocorreu nas palavras roupa e respondeu, por conta da influência da palavra precedente que continha r no final: “a melhor roupa” e “o filho maior respondeu”.

Na pesquisa realizada, foram analisados alguns fatores sociais que podem influenciar na produção do r-forte vs. r-fraco. Na dimensão diastrática, foi possível verificar que, na classe social mais alta, predomina o uso do r-forte em posição intervocálica, quase 90% de realização. Em posição inicial de sílaba, verificou-se porcentagens bastante semelhantes, o que demonstra uma variação dentro do grupo. Os resultados de r-forte obtidos foram de 49% em posição inicial de palavra e 89% em posição intervocálica, perfazendo 69% do total. Enquanto o r-fraco foi registrado em 51% dos dados em posição inicial de palavra e em 11% dos dados de r em posição intervocálica. Na classe social mais baixa, foi possível perceber uma preferência pela produção do r-fraco em ambas as posições, o r-forte em posição inicial obteve 9% e em posição intervocálica, 24%, resultando em 16% do total. Já o r-fraco obteve os seguintes resultados: 91% em posição inicial e 76% em posição intervocálica, totalizando 84%.

Nessa pesquisa, também foi analisada a dimensão diageracional, todavia não há diferenças significativas na fala da geração mais velha se comparada com a geração mais nova. Na coleta de dados do grupo mais velho, observou-se uma preferência grande pelo tepe em posição inicial de palavra. Os dados obtidos na entrevista com a geração mais velha indicam que r-forte ocorre em 22% dos casos de posição inicial e em 55% em casos de posição intervocálica, totalizando 38%. Já o r-fraco obteve os seguintes resultados: 78% em posição inicial de palavra e 45% em posição intervocálica, totalizando 62%. Na geração mais nova, em posição inicial, o r-forte ocorre em 28% e 48% em posição intervocálica, totalizando 38%. Já o tepe, em posição inicial, ocorre em 72% dos casos e 52% na posição intervocálica, também totalizando 62%.

3.2.5 Fritsch e Pereira (2018)

Fritsch e Pereira (2018) analisaram o preconceito linguístico do r-fraco na fala de descendentes e não descendentes de falantes de Hunsrückisch e, para a coleta de dados, foram realizadas 34 entrevistas com alunos do primeiro ano do ensino médio. Os contextos analisados foram: posição pré-vocálica, como na palavra *rato*; posição intervocálica, como em *corrida*, e posição intervocálica no início da sílaba, como na palavra *cadeira*.

Na análise da palavra *rato* produzida com r-forte, 44,4% dos dados foram realizados por descendentes e 50% por não descendentes, enquanto que, com r-fraco, 44,4% foi realizado por descendentes e 50% por não descendentes. As duas realizações obtiveram um valor de 11,1%.

Os resultados apresentados não são muito claros, mas conforme Fritsch e Pereira (2018) relatam, da mesma maneira que os não descendentes, os descendentes de falantes de Hunsrückisch indicaram realizar na mesma proporção a variante r-fraco [r] e as variantes do r-forte [ř, x], o que comprovaria a influência linguística do português em contato com o Hunsrückisch.

Na coleta de dados, dois entrevistados informaram que utilizavam as duas variantes. De acordo com os pesquisadores, isso presume que o uso da variante muda de acordo com o contexto de fala do informante. Em contextos informais, o informante utilizaria uma variante e em contextos formais utilizaria outra.

Na palavra *corrida*, 72,2% dos descendentes utilizaram o r-forte e 93,7% dos não descendentes utilizaram também o r-forte. Já o r-fraco foi utilizado por 22,2% dos descendentes e 6,2% dos não descendentes. 5,5% dos informantes do grupo dos descendentes informaram utilizar as duas variantes.

A partir dos resultados da palavra *corrida*, foi possível observar a preferência pelo uso do r-forte nesse contexto. Uma das possíveis causas da preferência por esta variante nesse contexto, foi o apoio na grafia, conforme apresentado em 3.1.6, em que Steffen (2013) comenta que um dos principais fatores pelo uso do r-forte em contextos intervocálicos é porque as palavras são escritas com r duplo (rr) enquanto que, no início da palavra, se escrevem apenas com um r.

Os pesquisadores analisaram o r na palavra *cadeira* e obtiveram o seguinte resultado: 33,3% dos descendentes utilizaram o r-forte e 31,2% dos não descendentes também utilizaram o r-forte. 65,5% dos descendentes utilizaram tepe e 68,7% dos não

descendentes também utilizaram tepe. 11,1% dos descendentes informaram utilizar as duas variantes, comprovando a utilização de tepe em contextos intervocálicos.

A partir desse trabalho, também foi possível comprovar a influência do alemão (Hunsrückisch) na fala do português brasileiro. Assim como no trabalho de Schneider (2008), há uma reflexão acerca do preconceito linguístico presente na nossa sociedade, mesmo que o Vale do Caí possua influências muito fortes do Hunsrückisch, ainda há uma crença de que exista uma maneira mais “bonita” de se falar.

Com as análises desses trabalhos, é possível perceber que o português falado, especialmente a pronúncia do /r/, é diferente do restante do Brasil, por conta da colonização europeia (alemão e italiano). Conforme Altenhofen (1996, p. 335 apud Steffen, 2013, p. 244), no Hunsrückisch, existe apenas um fonema vibrante, o tepe. Por conta disso, é natural que haja transferência para o português falado pelos descendentes de falantes de Hunsrückisch, ocorrendo a neutralização dos fonemas r-forte e r-fraco em posição intervocálica.

3.2.6 Comiotto e Margotti (2019)

O trabalho aqui apresentado serviu de inspiração para a nossa metodologia de coleta de dados (Capítulo 4), por isso, embora analise a influência do italiano na fala do português, o incluímos em nossa revisão.

Comiotto e Margotti (2019) analisaram, então, como o italiano influencia na fala do português falado em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em que os falantes utilizam o r-fraco no lugar do r-forte. Para essa análise, utilizaram dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e foram entrevistados 4 informantes por ponto, sendo 27 pontos entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, totalizando 108 entrevistas. As cidades de Santa Catarina foram Porto União, São Francisco do Sul, Blumenau, Itajaí, São Miguel do Oeste, Concórdia, Lages, Florianópolis, Tubarão e Criciúma, e as cidades do Rio Grande do Sul foram Três Passos, Erechim, Passo Fundo, Vacaria, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Porto Alegre, Osório, Uruguaiana, Caçapava do Sul, Santana do Livramento, Bagé, São José do Norte e Chuí.

Os participantes foram estratificados entre faixa etária (18-30 anos e 50-65 anos) e sexo (masculino e feminino). Os entrevistados possuíam o ensino fundamental completo. Para a análise de /r/ em início de sílaba, os pesquisadores

consideraram treze respostas obtidas por meio do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB. Os contextos analisados foram posição intervocálica e início de palavra, como as palavras: terreno, varrer, ruim, arroz, rosa, rato, remando, real/reais, borracha, rasgar, correio, sorriso, morreu, que correspondiam às perguntas: 2, 18, 20, 21, 38, 48, 52, 76, 87, 88, 94, 147 e 159 do QFF. Após a tabulação dos dados, foram identificadas as seguintes variantes: vibrante alveolar [r], fricativa velar [x], fricativa glotal [h] e tepe [r].

Após a análise dos dados, em Santa Catarina os seguintes resultados foram obtidos: em São Miguel do Oeste, a produção de r em contexto intervocálico e em início da sílaba apresentou 55,77% de realizações de tepe [r] e 44,23% de fricativa velar [x]. Em Concórdia, 71,15% de realizações de tepe [r] e 23,08% de fricativa velar [x]. Também houve 5,77% de vibrante alveolar [r].

No Rio Grande do Sul Erechim obteve 48,08% de realização de tepe [r] e 48,08% de vibrante alveolar [r]. Apenas 3,85% realizaram a fricativa velar [x]. Em Flores da Cunha, em 60% houve realização de tepe [r] e, em 24%, fricativa velar [x]; também ocorreu o uso de fricativa alveolar [r], com 16%.

Os pesquisadores não conseguiram estabelecer ligação na produção do tepe com o sexo, a variante foi utilizada em alternância tanto por homens quanto por mulheres. Também não houve dados significativos com a análise da faixa etária

3.2.7 Pronadov e Martins (2021)

A influência do Hunsrückisch na realização de /r/ foi estudada por Prodanov e Martins (2021) no município de Picada Café – RS, colonizado por imigrantes alemães. Para a análise, foram entrevistadas 20 mulheres com diferentes idades e graus de escolaridade.

As variáveis linguísticas analisadas na pesquisa foram: posição do fonema na palavra – palavras com uma vibrante inicial, como em *rainha*, ou que possuem vibrante no meio da palavra, como em *carro*; e tonicidade, analisando a posição tônica ou átona, considerando os contextos pré-tônica (*ratoeira* e *carruagem*), pós-tônica (*cachorro*) ou tônica (*rato*; *carroça*). As variáveis extralinguísticas analisadas foram escolaridade (Ensino fundamental completo; Ensino médio completo; Ensino superior completo) e faixa etária (10-29; 30-49; 50-69 anos). Neste trabalho, não houve a variável gênero, como em outros citados, pois a pesquisa foi focada apenas na fala

de mulheres. Portanto o estudo baseou-se na hipótese de que a troca de róticos, ou neutralização da vibrante, vão diminuindo à medida que avança o processo de escolarização.

A coleta de dados foi realizada por meio de áudios do WhatsApp. As pesquisadoras enviaram seis imagens para as entrevistadas e solicitaram que criassem uma historinha em que mencionassem o nome dos objetos, das pessoas ou animais representados nas imagens.

Após a coleta de dados, as palavras foram transcritas e codificadas no programa estatístico GoldVarb X. Na análise da frequência global, foi possível identificar que a troca entre os róticos foi bastante alta. Num total de 185 ocorrências de vibrantes, em 61 houve troca, equivalente a 33%. Todavia, na análise das variáveis posição na palavra, tonicidade e idade das informantes, não houve valores significantes que indicassem ser relevantes para a troca entre os róticos. A escolaridade foi a única variável que se mostrou relevante para a aplicação. Contrariando a hipótese das autoras, com suas análises obtiveram como resultado que as informantes com ensino superior realizaram troca de róticos em 42,4% (50/118) dos casos, com peso relativo de 0,617. As informantes com ensino médio realizaram troca em 16,4% (11/67) dos casos, com um peso relativo de 0,301. Entretanto, conforme as pesquisadoras mencionaram, o número de informantes para cada nível escolar não foi o mesmo (Ensino Fundamental - uma participante; Ensino Médio - cinco participantes; Ensino Superior - quatorze informantes), o que pode ter influenciado na análise.

Na análise da faixa etária, verificou-se que as trocas foram mais frequentes entre as informantes de menor idade (10-29) em que houve 20 trocas das 56 ocorrências possíveis, equivalente a 35,7%. Já as informantes mais velhas (30-49) fizeram trocas em 31,8%, realizaram 41 trocas entre as 129 possibilidades.

Cruzando os dados da escolaridade e faixa etária, foi possível verificar que todas as trocas do ensino superior foram feitas pelo grupo de informantes mais velhas (30-49). Nas trocas do ensino médio, 30 foram feitas pelo grupo de informantes de 30-49 anos e 20 pelas informantes do grupo de 10-29 anos.

Na análise da posição na palavra, foi percebido um número maior de trocas nas palavras que iniciavam com a vibrante, 36,9% das ocorrências (45/122). Houve 25,4% de casos (16/63) de trocas com a vibrante no interior da palavra.

Ao analisar os dados da tonicidade da sílaba, foi possível identificar que houve maior frequência de trocas quando o rótico estava na sílaba pós-tônica, como na palavra *carro*, em 34,8% (8/23) das possibilidades. Na posição tônica, como na palavra *garrafa*, as trocas ocorreram em 33,3% das possibilidades (27/81). Na posição pretônica, como na palavra *carruagem*, as trocas ocorreram em 32,1% dos casos (26/81). Foi possível perceber que os resultados foram muito próximos, assim, a tonicidade não se mostrou um fator relevante para a neutralização da vibrante.

Um dado bastante interessante apontado por Prodanov e Martins (2021) foi que o grupo de mulheres com idade de 10 a 29 anos e que, possivelmente ainda está na escola, foi o que mais trocou o rótico. Conforme apontado pelas pesquisadoras, uma das possíveis causas para esse resultado é que atualmente os jovens estão aceitando mais a sua herança linguística e fazendo uso dela. Não estão mais alterando seu jeito de falar para se encaixar na sociedade, assim como visto por Labov, ao pesquisar a fala dos chilmarkenses

4 METODOLOGIA

Nesta seção serão apresentados os processos metodológicos da pesquisa, explicando a seleção dos informantes e como se deu o processo das entrevistas. Sobre o município de Feliz, localidade da nossa pesquisa, já tratamos no capítulo 2 acima.

4.1 Entrevistas sociolinguísticas

Para a elaboração da pesquisa, foram entrevistados 12 descendentes de imigrantes alemães que têm contato com o Hunsrückisch no seu cotidiano, bilíngues ativos (falam e compreendem o Hunsrückisch) e passivos (não falam, mas compreendem o Hunsrückisch).

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário fonético, semelhante ao questionário do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Havia 10 perguntas, sendo duas delas para despistar, para que o entrevistado não percebesse o foco da pesquisa.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram 6 mulheres e 6 homens, moradores do município de Feliz. Algumas entrevistas foram feitas pessoalmente, na casa do entrevistado, e outras via *WhatsApp*. Para a coleta de dados, foi aplicado o questionário fonético (Apêndice B), os entrevistados respondiam as perguntas de forma oral. Na entrevista presencial, foram apresentadas as imagens e feitas as perguntas do questionário fonético. Foi utilizado o gravador do celular para registrar as respostas. Nas entrevistas via *WhatsApp*, foram enviadas, a cada participante, as perguntas e as imagens, e o entrevistado respondia por áudio. Além do questionário fonético, os participantes responderam um questionário com algumas informações pessoais (Apêndice C), a fim de verificar seu contato com o Hunsrückisch, grau de escolaridade e o tempo de moradia no município de Feliz.

Semelhantemente ao trabalho de Monaretto (1992), o presente estudo contou com o pré-requisito de o entrevistado ser natural de Feliz ou ter morado pelo menos 2/3 de sua vida no município. Apenas dois entrevistados não nasceram no município de Feliz.

Todos os entrevistados relataram que possuem o alemão como primeira língua e, alguns, aprenderam o português apenas na escola. Muitos informaram que em suas casas falavam apenas o alemão, pois possuíam familiares que não sabiam português.

A aplicação do questionário com informações pessoais retornou com respostas e questionamentos muito interessantes acerca do bilinguismo. Muitos participantes informaram que a sua primeira língua era o alemão, mas que, devido à falta de prática, haviam “desaprendido” muita coisa e que consideravam não serem falantes de alemão, pois apenas compreendiam e não sabiam falar sentenças muito complexas.

Também foi possível perceber que os informantes da pesquisa não veem o Hunsrückisch como uma língua, pois consideram que há muitos erros na fala, com termos usados que não existem no alemão gramatical. Além disso, alguns informantes compartilharam que já sofreram, de alguma forma, preconceito linguístico, pois foram para a escola só sabendo falar o “alemão de casa” e, quando aprendiam o português, falavam com sotaque, principalmente por não saberem diferenciar em quais momentos deveria usar o r duplo, ou por não saberem se usavam “p-forte” ou “p-fraco”, então tinham dúvidas se o correto seria “bacia” ou “pacia”.

Outro dado interessante que a aplicação do questionário com informações pessoais proporcionou foi o sentimento de muitos participantes de que o alemão poderá um dia ser extinto da nossa comunidade, pois percebem que, aos poucos, os mais jovens vão deixando de aprender, e isso faz com que se perca uma herança linguística que sempre foi passada dos pais para os filhos.

4.2 Coleta de dados

A maior parte das entrevistas foi realizada via *WhatsApp*, o que facilitou a audição e a compreensão da variante produzida pelo entrevistado, pois foi possível encaminhar de forma escrita todas as perguntas, com as imagens e, em seguida, o entrevistado encaminhava áudios com suas respostas. De forma presencial, as perguntas foram realizadas oralmente, e, em alguns momentos, o entrevistado respondia antes de concluirmos a fala. Por conta disso, foi necessário reproduzir a gravação diversas vezes para identificarmos as variantes utilizadas. Após a audição das entrevistas, as informações foram registradas e codificadas em uma planilha do Excel.

Foi atribuído um código para cada participante, para facilitar o trabalho com as planilhas do Excel.

Tabela 1 - Codificação dos participantes

Participante	Código
Feminino, ensino fundamental, 20-40 anos	a
Feminino, ensino médio 20-40 anos	b
Feminino, ensino superior, 20-40 anos	c
Feminino, ensino fundamental, 41-61 anos	d
Feminino, ensino médio 41-61 anos	e
Feminino, ensino superior, 41-61 anos	f
Masculino, ensino fundamental, 20-40 anos	g
Masculino, ensino médio, 20-40 anos	h
Masculino, ensino superior, 20-40 anos	i
Masculino, ensino fundamental, 41-61 anos	j
Masculino, ensino médio, 41-61 anos	k
Masculino, ensino superior, 41-61 anos	l

Fonte: Quadro elaborado pela própria autora (2022).

Durante a coleta de dados, 4 variantes de /r/ foram identificadas: o tepe [r], a vibrante alveolar vozeada [r̃], a fricativa glotal desvozeada [h] e a fricativa velar desvozeada [x]. Para a análise dos dados, cada variante também recebeu um código, conforme mostra o quadro abaixo.

Tabela 2 - Codificação das variantes

Variante	Símbolo fonético	código
tepe	[r]	1
vibrante alveolar vozeada	[r̃]	2
fricativa glotal desvozeada	[h]	3
fricativa velar desvozeada	[x]	4

Fonte: Tabela elaborada pela própria autora (2022).

4.2.1 Variável dependente

A variação na produção de /r/ em onset silábico no português falado no município de Feliz – RS é o objeto de estudo deste trabalho, portanto a variável dependente. As

variantes de /r/ analisadas são tepe [r], vibrante alveolar vozeada [r̃], fricativa glotal desvozeada [h] e fricativa velar desvozeada [x].

4.2.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes analisadas dividem-se em variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

4.2.2.1 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas analisadas foram as seguintes:

- a) gênero (masculino e feminino), com a qual tínhamos como objetivo verificar a hipótese de que os homens favorecem o uso de r-fraco no lugar de r-forte;
- b) grau de escolaridade (ensino fundamental completo, ensino médio completo e ensino superior completo). A partir dessa variável, pretendia-se confirmar a hipótese de que falantes com nível escolar mais baixo tendem a utilizar o r-fraco no lugar de r-forte;
- c) idade (de 20 a 40 anos e de 41 a 61 anos), com que queríamos verificar a hipótese de que falantes mais velhos utilizam o r-fraco com mais frequência do que os falantes mais jovens.

Neste trabalho, foram entrevistados 12 participantes, 6 homens e 6 mulheres. Abaixo, apresentamos um quadro com as variáveis extralinguísticas controladas.

Tabela 3 - Variáveis extralinguísticas

Variáveis extralinguísticas
Gênero
Feminino
Masculino
Idade
de 20 a 40 anos
de 41 a 61 anos
Escolaridade
Ensino fundamental completo
Ensino médio completo
Ensino superior completo

Fonte: Tabela elaborada pela própria autora (2022).

4.2.2.2 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas analisadas neste trabalho são as seguintes:

- a) posição na sílaba, considerando 1. ataque no início da palavra (contexto precedente *zero*); 2. ataque no interior da palavra (contexto precedente *consoante*); e 3. posição medial (contexto precedente *vogal*). A nossa hipótese é que as palavras com ataque no início da palavra e ataque no interior da palavra favorecem a troca de r-forte por r-fraco;
- b) tonicidade da sílaba, considerando 1. sílaba tônica, 2. postônica e 3. pretônica. A nossa hipótese é que nas sílabas pós-tônicas como ocorra com maior frequência o uso de tepe.

Abaixo, temos o quadro das variáveis linguísticas controladas e as respectivas palavras que utilizamos em nosso questionário.

Tabela 4 - Variáveis linguísticas

Variáveis linguísticas					
Variável: Tonicidade			Variável: posição na sílaba		
Fator	Código	Palavra	Fator	código	Palavra
Tônica	t	Rosas Varrendo	Ataque no início da palavra	z	Receitas Rosas
Postônica	o	Genro Carro	Medial	v	Varrendo Carro Ferradura
Pretônica	y	Ferradura Enrugado Israel Receita			Ataque no interior da palavra

Fonte: Tabela elaborada pela própria autora (2022).

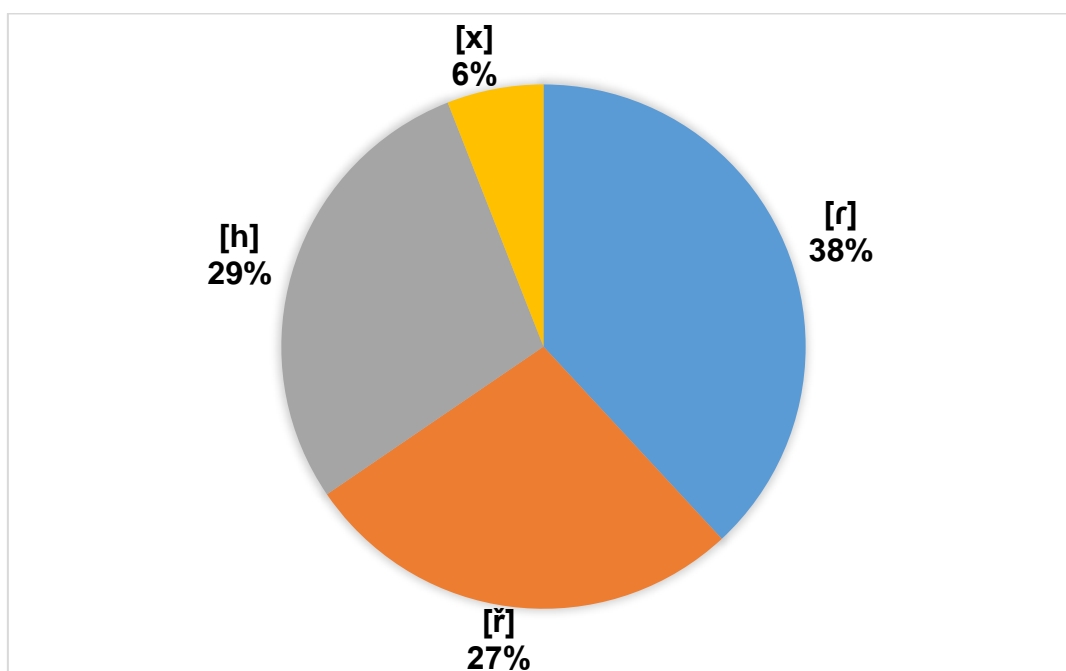
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentaremos os resultados obtidos com nossa coleta de dados.

Durante a análise de dados, percebemos que 7 informantes não deram a resposta esperada à pergunta 9 do questionário fonético (Apêndice B). Por esse motivo, a palavra *enrugado* não fez parte da análise estatística dos resultados.

Após a análise dos dados, via planilhas de Excel, foi possível constatar que a variante mais utilizada foi o tepe [r], com 32 aplicações de 84 dados, totalizando 38% das realizações. Em seguida, a variante mais utilizada foi a fricativa glotal desvozeada [h], com 24 aplicações, totalizando 29% de frequência, seguida pela vibrante alveolar vozeada [ř], com 23 registros, totalizando 27%, e, por fim, a fricativa velar desvozeada [x], com 5 aplicações, totalizando 6% de realizações.

Gráfico 1 - Ocorrências total das variantes de /r/



Fonte: Gráfico produzido pela própria autora (2022).

Os resultados expostos no gráfico demonstram que há uma preferência pelo uso do tepe na fala dos moradores do município de Feliz, mas, em seguida, com um valor muito próximo, a segunda variante mais utilizada foi a fricativa glotal desvozeada, e a terceira variante mais utilizada foi a vibrante alveolar vozeada. Já a variante fricativa velar desvozeada apresentou um índice bastante baixo de utilização, com 6%.

5.1 Resultado das variáveis extralinguísticas

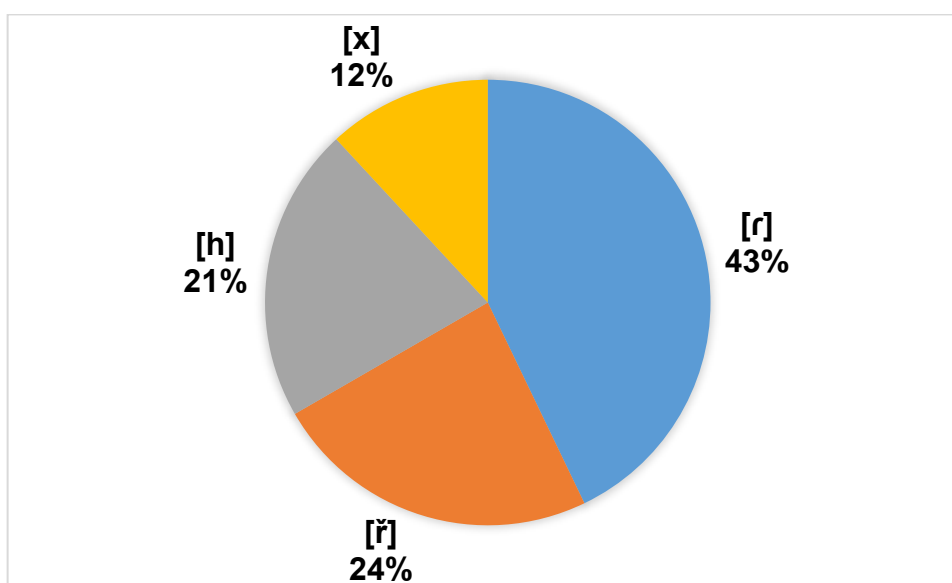
Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos para as variáveis extralinguísticas

5.1.1 Gênero

Comparando a produção de /r/ entre os homens e as mulheres, foi possível perceber que há uma preferência pelo uso do tepe [r] na fala dos homens (18/42 aplicações), 43% do total. A segunda variante mais utilizada foi a vibrante alveolar vozeada [ř], com 24% (10/42 aplicações). Em seguida, a fricativa glotal desvozeada [h], com 21% (9/10) e, por fim, a fricativa velar desvozeada [x], com 12% (5/42). Diferentemente dos homens, as mulheres optaram pelo uso da fricativa glotal desvozeada [h] (15/42 aplicações), com 36%, seguida pelo tepe [r] (14/42 aplicações), 33% e, por fim, pela vibrante alveolar vozeada com 31% de frequência (13/42). Nenhuma mulher produziu a variante fricativa velar desvozeada.

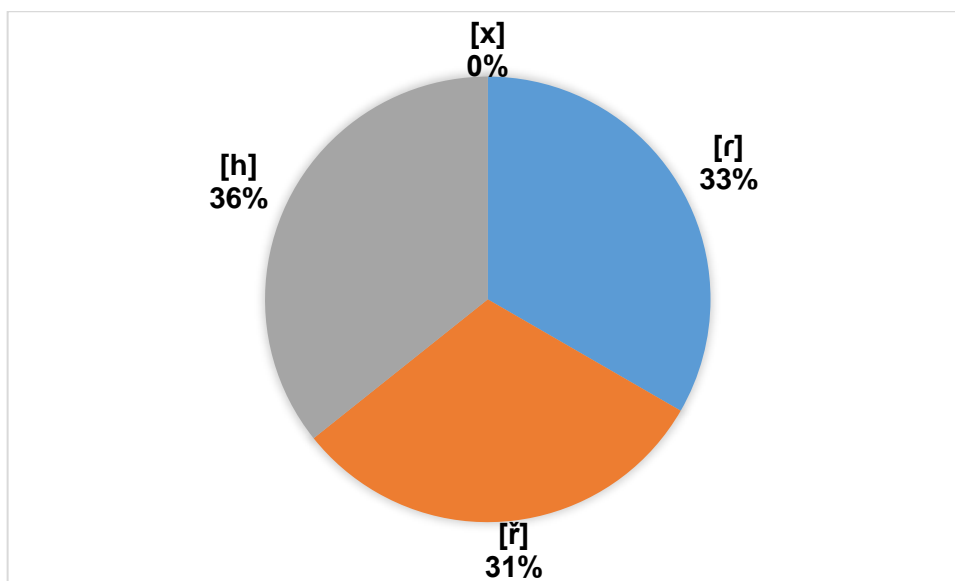
A partir desse resultado, podemos sugerir que o uso do tepe pode estar mais ligado à identidade masculina, todavia não foi possível confirmar a nossa hipótese de que o uso do tepe seria característico na fala dos homens pois o resultado obtido não difere de forma significativa se comparado com o uso de tepe na fala das mulheres.

Gráfico 2 - Resultado total masculino



Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022)

Gráfico 3 - Resultado total feminino



Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

5.1.2 Escolaridade

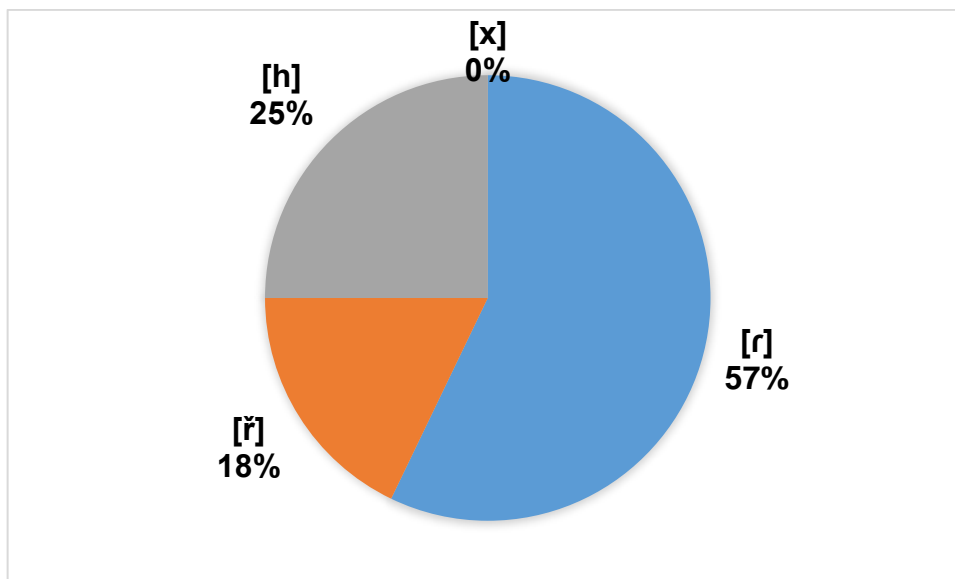
Os gráficos a seguir apresentam os resultados da variável Escolaridade. A hipótese de que informantes com ensino fundamental completo utilizariam o tepe com maior frequência, não se confirmou. Ademais, os resultados obtidos na análise do ensino fundamental e ensino médio apresentem valores muito semelhantes. No ensino fundamental, obtivemos 16 dados de tepe de 28 ocorrências, totalizando 57% de frequência, 5 dados de vibrante alveolar vozeada totalizando 18% e 7 registros de fricativa glotal desvozeada, totalizando 25%. No ensino médio, os resultados foram idênticos aos do ensino fundamental para cada variante, decorrendo nos mesmos percentuais de frequência.

Todavia, se analisarmos os resultados obtidos no ensino superior, podemos constatar que não houve registros de uso de tepe e houve um aumento na preferência pelo uso da vibrante alveolar vozeada [ʀ] e o aparecimento da fricativa velar desvozeada [x]. Houve 13 registros de vibrante alveolar vozeada de 28 ocorrências, com 46% de frequência, 10 dados de fricativa glotal desvozeada totalizando 36% e 5 registros de fricativa velar desvozeada, com 18%.

Portanto, os resultados obtidos corroboram os encontrados por Monaretto (1992), que constatou que, à medida em que o grau de escolaridade aumenta, tende a haver troca da vibrante anterior para a vibrante posterior. Nota-se aqui um uso

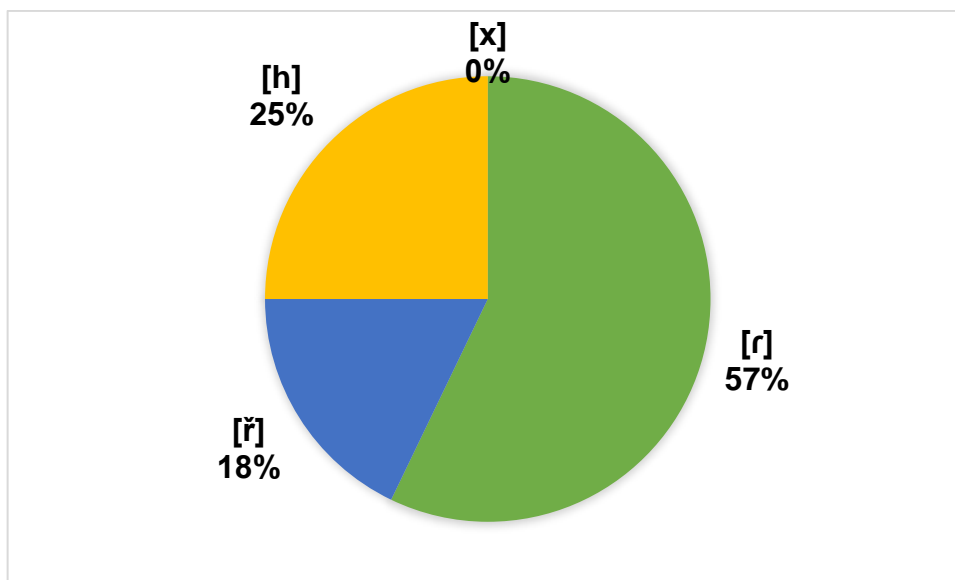
estratificado na produção do /r/, informantes com ensino superior não utilizam o tepe em suas falas, variante que muitas vezes é estigmatizada.

Gráfico 4 - Resultado total ensino fundamental



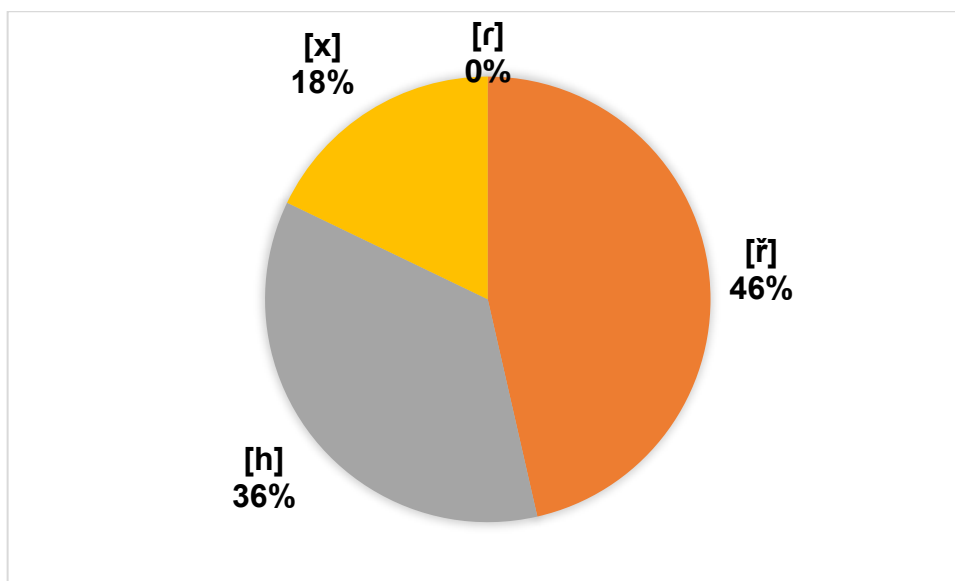
Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

Gráfico 5 - Resultado total ensino médio



Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

Gráfico 6 - Resultado total ensino superior



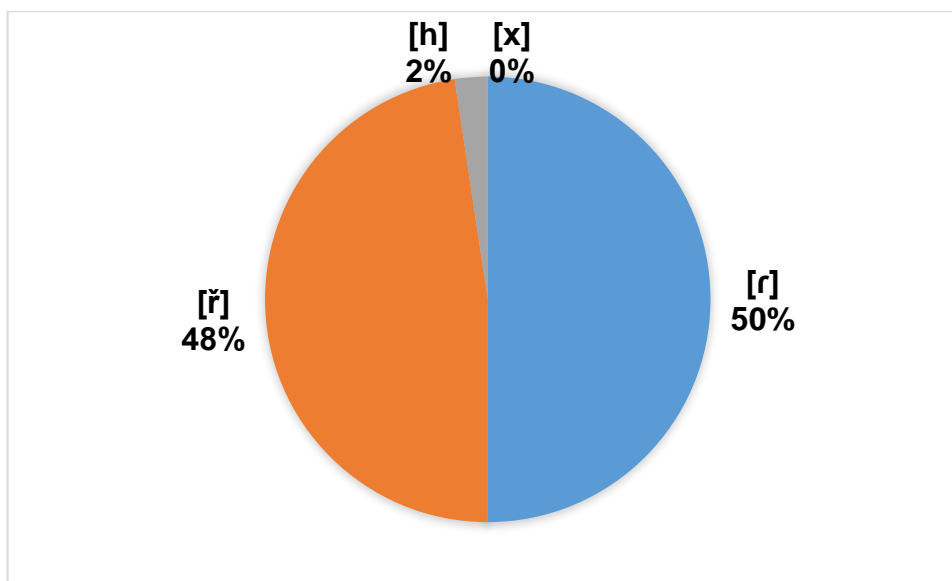
Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

5.1.3 Idade

Na análise da variável idade, foi possível confirmar a nossa hipótese de que os mais velhos tendem a produzir o tepe com maior frequência [r]. Mesmo que os resultados encontrados na amostra sejam baixos, temos o dobro de ocorrências de tepe na fala do grupo de 41 a 61 anos. Também podemos observar que o grupo mais jovem prefere o uso de fricativas, como fricativa glotal desvozeada [h] e fricativa velar desvozeada [x].

Houve 21 registros de tepe de 42 ocorrências totalizando 50%; 20 dados de vibrante alveolar vozeada, com 48%; e apenas 1 registro de fricativa glotal desvozeada, com 2%.

Gráfico 7 - Resultado total 41 a 61 anos

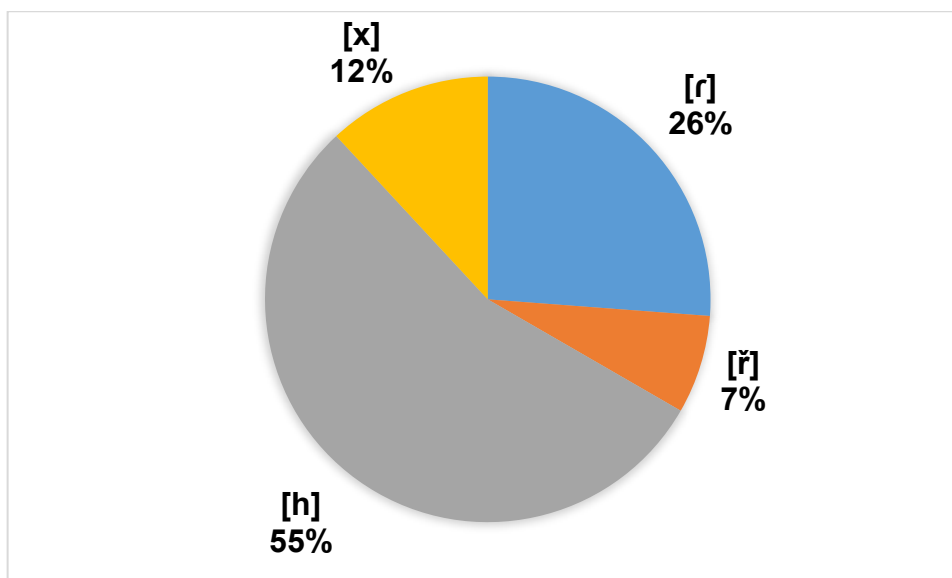


Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

O grupo mais jovem obteve 11 registros de tepe de 42 ocorrências, totalizando 26%. Houve 3 registros de vibrante alveolar vozeada, com 7%, que também é um dado interessante, o que sugere que essa variante é mais utilizada pelo público mais velho. A variante mais utilizada nesse grupo foi a fricativa glotal desvozeada com 23 aplicações de 42 ocorrências, com 55% de frequência, nesse grupo também houve registro de fricativa velar desvozeada, com 5 ocorrências, num total de 12%.

Esses resultados diferem dos vistos por Prodanov e Martins (2021), em que o grupo mais jovem apresentou mais troca de rótico, e que podia levantar a possibilidade de que os mais jovens estão aceitando mais as suas origens, e que a troca do rótico seria uma marca de identidade, como visto também em Labov (2008[1972]) na análise da alta centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ está na fala dos os chilmarkenses.

Gráfico 8 - Resultado total 20 a 40 anos



Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

5.2 Resultado das variáveis linguísticas

Nesta seção, apresentaremos os resultados das variáveis linguísticas, posição na sílaba e tonicidade da sílaba.

5.2.1 Posição na sílaba

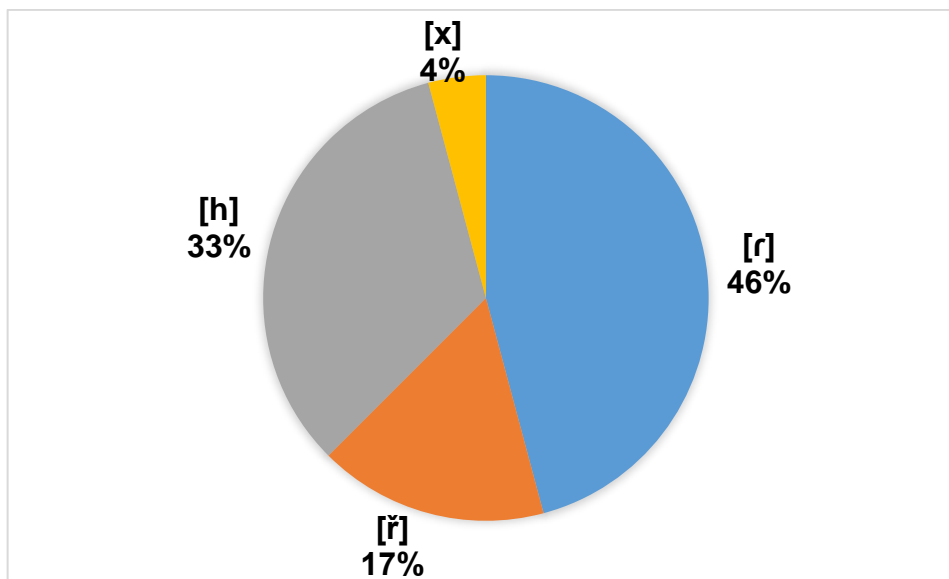
A análise da variável posição na sílaba foi dividida, apresentaremos os resultados de /r/ na posição de ataque no início da palavra, /r/ na posição medial – entre vogais –, e /r/ na posição de ataque no interior da palavra – com uma consoante como contexto precedente.

5.2.1.1 Ataque no início da palavra

Houve 24 ocorrências de /r/ em posição de ataque no início da palavra. A partir dessa análise, verificamos que o tepe foi a variante mais utilizada pelos informantes, o que confirma a nossa hipótese de que a posição de ataque no início da palavra favorece o uso de tepe. Houve 11 aplicações de tepe de 24 ocorrências, totalizando 46% de frequência. A segunda variante mais utilizada foi a fricativa glotal desvozeada, com 8 registros de 24 ocorrências, totalizando 33% de frequência. A próxima variante

utilizada foi a vibrante alveolar vozeada, com 17%, 4 dados de 24 ocorrências e, por fim, a fricativa velar desvozeada, com 1 registro, totalizando 4%.

Gráfico 9 - Resultado total da posição ataque no início da palavra



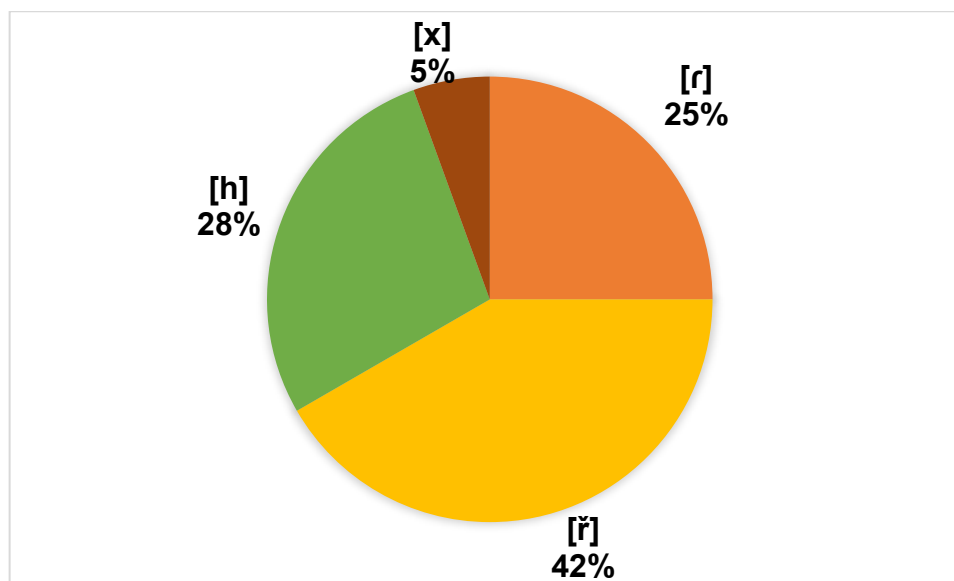
Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

5.2.1.2 Medial

Na posição medial, intervocálica, a variante mais utilizada foi a vibrante alveolar vozeada, que resultou em 15 registros de 36 aplicações, um total de 42%. A segunda variante mais utilizada foi a fricativa glotal desvozeada, com 28%, 10 registros de 36 ocorrências. Esses resultados corroboram a análise feita por Steffen (2013), em que é possível perceber uma facilidade em pronunciar o r-forte em posição intervocálica. Uma das possíveis causas disso seria o apoio do falante na grafia, pois essas palavras são escritas com duplo r (rr).

A variante tepe aparece logo em seguida, com 9 registros de 36 ocorrências, 25%, e, após, a fricativa velar desvozeada, com 2 registros, 5%.

Gráfico 10 - Resultado total da posição medial



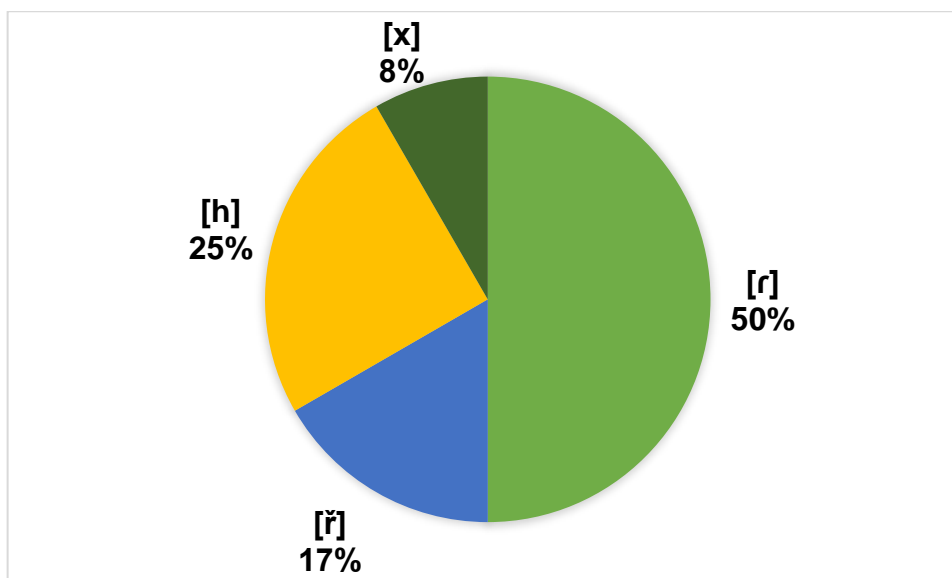
Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

5.2.1.3 Ataque no interior da palavra

Os resultados obtidos nessa análise são bastante semelhantes aos vistos em /r/ em posição de ataque no início da palavra, o que também confirma a nossa hipótese de que há uma preferência pelo uso do tepe em posição de ataque no meio da palavra, com r precedido por consoante.

O tepe obteve 12 registros de 24 ocorrências, totalizando 50% de frequência. Em seguida, há a fricativa glotal desvozeada com 6 registros de 24, resultando em 25% de frequência. A vibrante alveolar vozeada obteve 4 registros, 17%. A fricativa velar desvozeada, com 8%, obteve 2 registros.

Gráfico 11 - Resultado total da posição ataque no interior da palavra



Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

5.2.2 Tonicidade

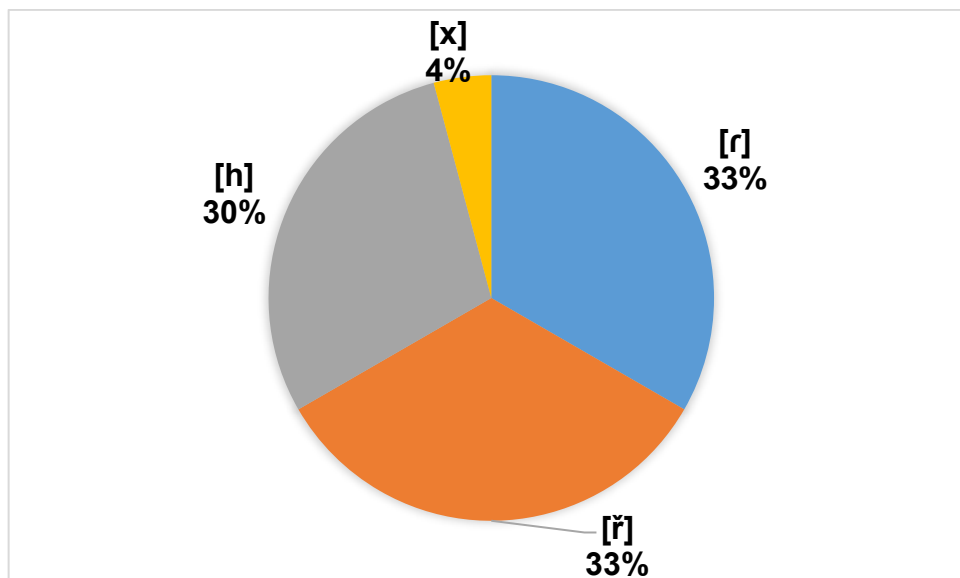
Na análise da variável tonicidade, avaliaremos as variantes de /r/ em sílaba tônica, postônica e pretônica.

5.2.2.1 Sílaba tônica

Em sílaba tônica, as variantes mais utilizadas foram tepe e vibrante alveolar vozeada, ambas com 8 ocorrências em 24 dados, 33% de frequência. A segunda variante foi a fricativa glotal desvozeada, com 7 ocorrências de 24 dados, 30%, e, após, a fricativa velar desvozeada com 1 ocorrência, 4%.

Esse resultado nos traz a informação de que a sílaba tônica não é um fator relevante para a preferência ou não do uso de determinada variante.

Gráfico 12 - Resultado total da sílaba tônica



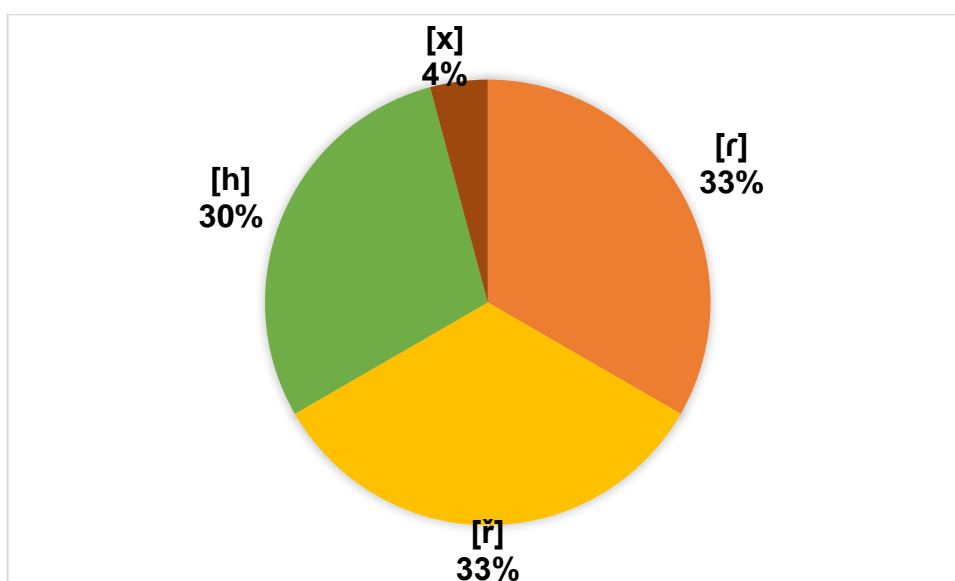
Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

5.2.2.2 Sílaba postônica

Na análise da sílaba postônica, foi possível perceber um resultado muito semelhante ao da análise da sílaba tônica, pois as variantes tepe e vibrante alveolar vozeada foram as mais utilizadas, ambas com 8 ocorrências de 24 registros. Portanto a análise desse fator também não se mostrou relevante para perceber a preferência ou não do uso de uma determinada variante.

A fricativa glotal desvozeada foi a próxima variante mais utilizada, com 30% de frequência, 7 registros, e, por fim, a fricativa velar desvozeada, com 4%, 1 registro.

Gráfico 13 - Resultado total da sílaba postônica



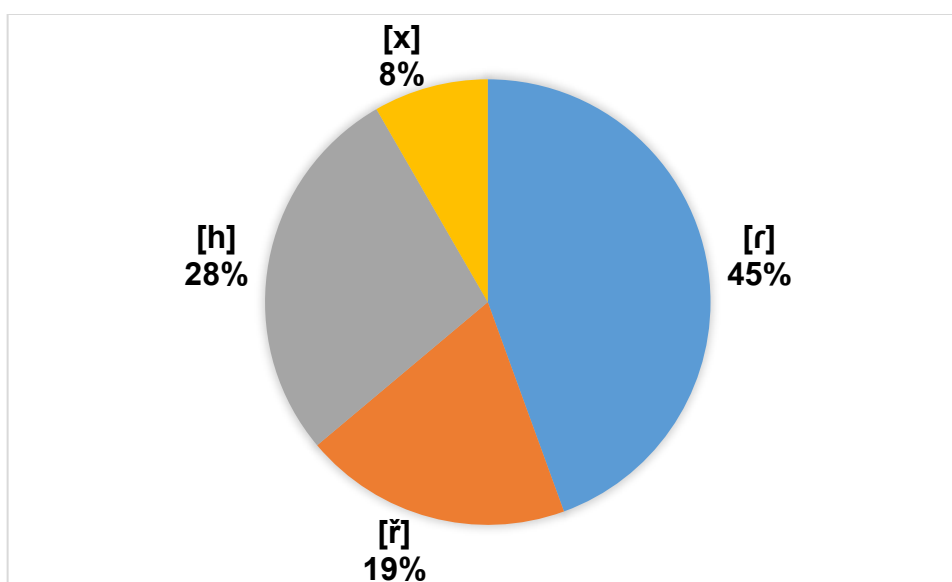
Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

5.2.2.3 Sílabas pretônicas

Diferentemente das análises de sílaba tônica e postônica, na pretônica foi possível perceber que uma variante se destaca, o tepe, com 16 ocorrências de 36 dados, totalizando 45%. Esse resultado difere do encontrado por Prodanov e Martins (2021), que identificaram que as trocas de r-forte por r-fraco aconteciam com maior frequência quando o /r/ estava na sílaba postônica.

A segunda variante mais utilizada foi a fricativa glotal desvozeada, com 28% de frequência, 10 ocorrências de 36 dados. Após, aparece a vibrante alveolar com 7 ocorrências, 19%, e, por último, a fricativa velar desvozeada, com 3 registros, 8%.

Gráfico 14 - Resultado total da sílaba pretônica



Fonte: Gráfico elaborado pela própria autora (2022).

A seguir, no último capítulo deste trabalho, apresentaremos as nossas considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados coletados, foi possível confirmar que os moradores do município de Feliz – RS fazem trocas entre o r-fraco e o r-forte e que há uma preferência pelo uso de tepe, r-fraco, em contextos de r-forte, mas com índices não muito distantes das demais variantes, o que sugere uma possível mudança linguística em curso, especialmente considerando o grupo de pessoas mais jovens e com ensino superior.

Muitas das nossas hipóteses, levantadas a partir das leituras feitas na revisão bibliográfica, se cumpriram. Foi possível confirmar que, conforme o nível escolar aumenta, ocorrem menos trocas de r-forte por r-fraco. Nenhum informante com ensino superior utilizou o tepe nas suas falas, todos utilizaram ou a vibrante alveolar ou as fricativas nos contextos de r-forte. Uma das possíveis explicações para isso é que muitos cursaram o ensino superior em outras cidades; com isso, acabaram tendo contato com outras pessoas de diferentes comunidades de fala.

Na análise da idade, foi possível perceber que o grupo mais jovem utiliza com maior frequência a fricativa glotal desvozeada nos contextos de r-forte e há poucas ocorrências da vibrante alveolar vozeada, diferentemente do grupo mais velho, que utiliza o tepe com maior frequência nos contextos de r-forte. Além disso, na fala do grupo de informantes com idades entre 41 e 61 anos, houve apenas 1 registro de fricativa glotal desvozeada, enquanto que a vibrante alveolar vozeada apareceu quase 7 vezes a mais do que na fala dos mais jovens.

Na análise do gênero, foi possível identificar que os homens possuem uma preferência pelo uso do tepe, todavia os resultados não apresentam grande disparidade a favor dessa variante. Portanto não é possível afirmar que a nossa hipótese se confirmou.

Foi possível confirmar que, em posição de ataque tanto com contexto precedente zero quanto consoante, o uso de tepe é favorecido; enquanto em posição medial intervocálica, isso não acontece.

A tonicidade da palavra não se mostrou relevante para a aplicação da regra. Apenas o rótico em posição pretônica apresentou um certo destaque na frequência do uso do tepe.

Essa característica na fala dos moradores do município de Feliz ainda é vista de forma estigmatizada por muitos, inclusive isso foi citado por alguns dos informantes,

que compartilharam já terem sofrido preconceito linguístico por conta do seu sotaque “carregado” ou por terem tido muitas dificuldades em sua alfabetização, tinham dúvidas se determinada palavra se escrevia com “r” ou “rr”. Este trabalho buscou contribuir com os estudos da variação linguística na fala do português brasileiro em contato com a língua de imigração Hunsrückisch, a fim de documentar a fala da comunidade de Feliz. Cabe pontuar ainda que, durante a nossa coleta de dados, verificou-se a possibilidade e importância de futuros estudos que analisem o processo de alfabetização de falantes bilíngues (português e alemão) ou monolíngues (apenas alemão), sobre o preconceito linguístico no processo de alfabetização e até mesmo estudos sobre a transmissão intergeracional do alemão na comunidade de Feliz.

7 REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson *et al.* **Hunsrückisch: Inventário de uma Língua do Brasil**. Florianópolis: Garapuvu, 2018. 248 p. ISBN 978-85-907418-1-7.

ASSMANN, Beatriz Edelweis Steiner (org.). **Feliz Ontem e Hoje**. Caxias do Sul: São Miguel, 2020. 200 p. ISBN 978-85-6326-75-2.

BATTISTI, E. O português falado no Rio Grande do Sul: história e variação linguística. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. O português falado no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Edipucrs, 2014, p. 9-17.

BRAUN, Felipe Kuhn. **História de São José do Hortêncio: a antiga Picada dos Portugueses**. São Leopoldo: Oikos, 2016. 255 p. ISBN 978-85-7843-580-6.

COMIOTTO, Ariela Fátima; MARGOTTI, Felício Wessling. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, [s. l.], v. 41, ed. 48857, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/48857/751375149066>. Acesso em: 26 out. 2022

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001 / Comitê Nacional do Projeto AliB. Londrina: Ed. UEL, 2001. 47p. ISBN 85-7216-281-X. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/questionario_alib.pdf. Acesso em: 21 Dez 2022

FRITSCH, Camila Elis; PEREIRA, Cristiano da Silveira. O R-TEPE /r/NA FALA DE USUÁRIOS DESCENDENTES DE FALANTES DE HUNSRÜCKISCH: UM PRECONCEITO LINGUÍSTICO COM ESSA VARIANTE FONOLÓGICA NA LÍNGUA PORTUGUESA BRASILEIRA NA COMUNIDADE ESCOLAR DE FELIZ. *Web - Revista SOCIODIALETO*, [s. l.], v. 9, n. 26, p. 324-353, novembro 2018. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/153/137>. Acesso em: 25 out. 2022

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos** / William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherer, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo, Parábola Editorial, 2008. 392p. – (Lingua[gem]; 26). ISBN 978-85-88456-85-83.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. UM REESTUDO DA VIBRANTE: ANÁLISE VARIACIONISTA E FONOLÓGICA. Orientador: Profa. Dra. Leda Bisol. 1997. 248 p. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [S. l.], 1997. Disponível em: <https://www.leffa.pro.br/tela2/trabalhos/dissertacoes/Separadas/Valeria.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2022.

PRODANOV, Sofia Schemes; MARTINS, Rosemari Lorenz. A COLONIZAÇÃO ALEMÃ E O DIALETO HUNSRÜCKISCH: ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORAS DE PICADA CAFÉ/RS. ESTUDIOS HISTÓRICOS, Uruguai, ano

XIII, n. 26, Dezembro 2021. Disponível em:
<https://estudioshistoricos.org/26/eh2608.pdf>. Acesso em: 18 out. 2022.

SCHNEIDER, Maria Nilse. As (des)sonorizações e a neutralização da vibrante: atitudes e concepções lingüísticas. **Revista Contingentia**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 77-88, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/6955/4236>. Acesso em: 7 set. 2021

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e Fonologia do Brasil**: roteiro de estudo e guia de exercícios. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 275 p. ISBN 978-85-7244-357-9.

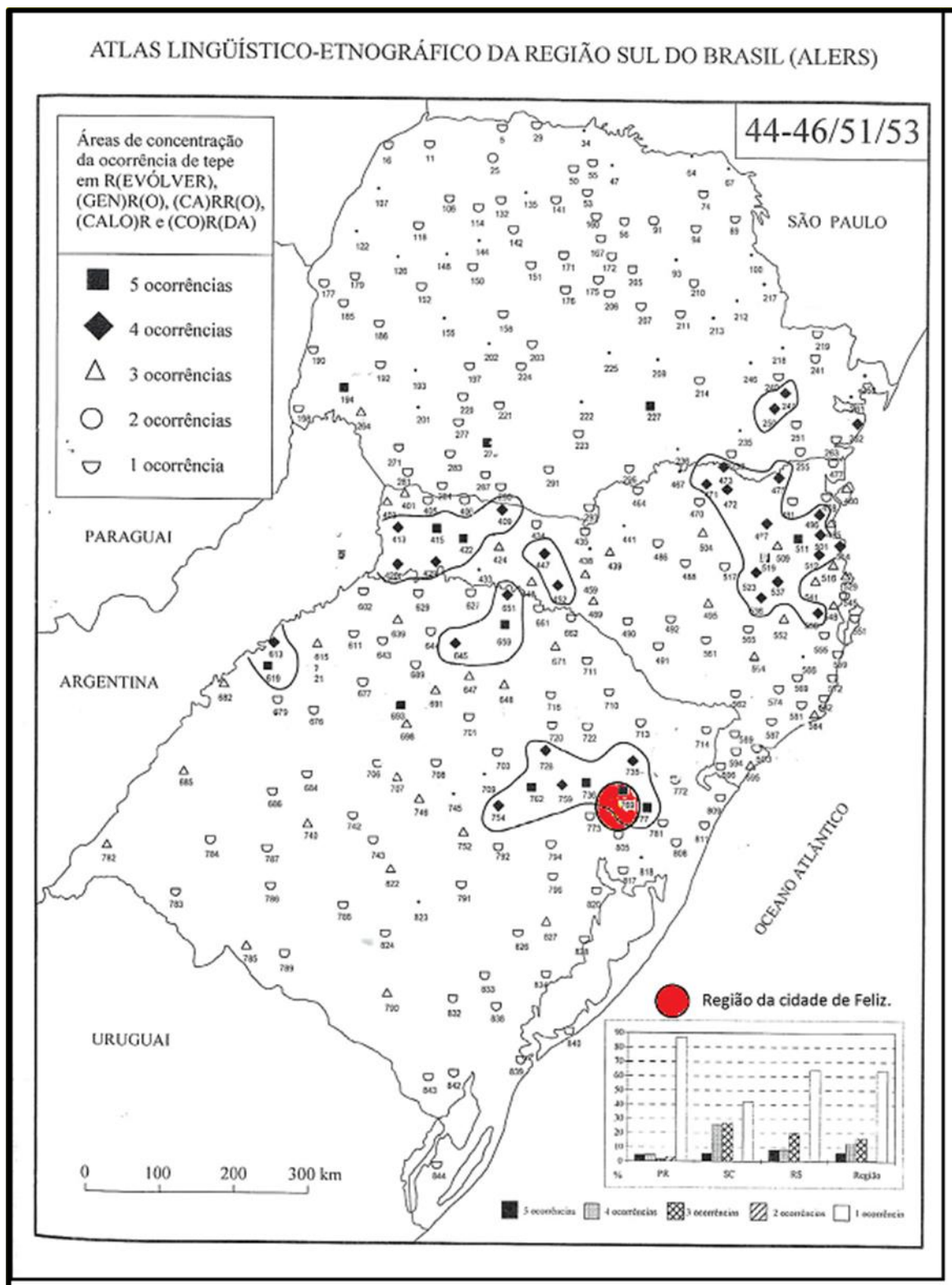
SPINASSÉ, Karen Pupp. OS IMIGRANTES ALEMÃES E SEUS DESCENDENTES NO BRASIL: A LÍNGUA COMO FATOR IDENTITÁRIO E INCLUSIVO. **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, ano 2008, v. 3, n. 3, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55637/33813>. Acesso em: 23 jun. 2021.

SPINASSÉ, Karen Pupp. O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. **Espaço Plural**, [s. l.], ano IX, n. 19, p. 117-126, 2º Semestre 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1934/1529>. Acesso em: 21 Dez. 2022

STEFFEN, M. Variação diastrática e diageracional do r-forte em português por falantes bilíngues de hunsqueriano como língua de imigração alemã no Rio Grande do Sul. **Organon - Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, Porto Alegre, v. 28, n. 54. 2013. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/38066>>. Acesso em: 07 set 2021

ANEXOS

ANEXO A – ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO DA OCORRÊNCIA DE TEPE.



Fonte: KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN (2011, p. 259) (adaptado pela autora).

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL - *CAMPUS FELIZ*

ORIENTADORA: Profa. Dra. Laura H. Hahn Nonnenmacher

ACADÊMICA: Eduarda G. C. Boz

Formulário de Consentimento

Aos participantes:

Por favor, leia o parágrafo a seguir e assine na linha abaixo, indicando que você entende a natureza deste estudo e seus direitos como participante.

Sua participação neste estudo é voluntária. Neste estudo, você irá apenas responder a algumas perguntas, e suas respostas serão gravadas em áudio. O objetivo deste estudo é analisar a variação linguística de falantes do município de Feliz. Além disso, o estudo não envolve risco algum. Todos os resultados coletados durante sua participação serão codificados com um número de identificação, ou seja, seu nome e áudio não serão divulgados.

Eu li e entendi a informação acima a respeito deste estudo e concordo em participar.

NOME

ASSINATURA

DATA

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO FONÉTICO

1. Quando vamos ao médico, o que ele nos dá para comprarmos o medicamento?
2. O que a mulher da imagem está fazendo?



3. Quais veículos você identifica na imagem?

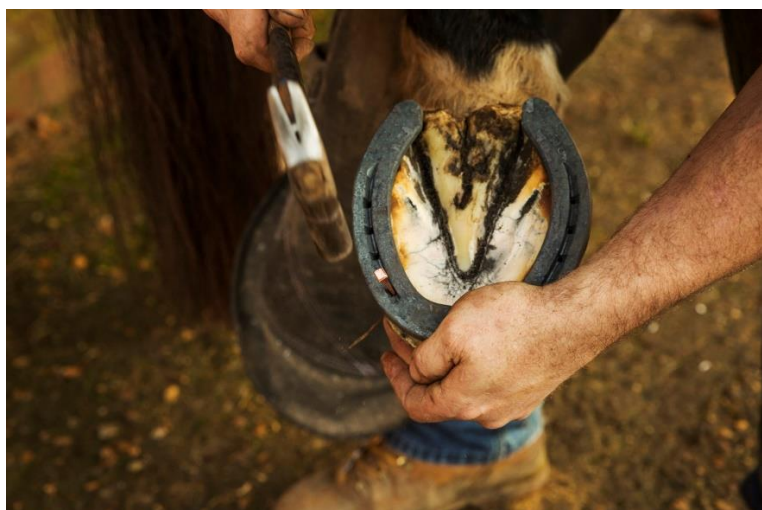


4. Qual o tipo de flor que há no buquê?



5. O que a abelha produz?

6. Como é o nome do objeto que está sendo colocado no casco do cavalo?



7. Quais objetos você identifica na imagem?



8. Meu pai é sogro do meu marido e meu marido, o que ele é do meu pai?
9. O que você identifica na imagem?



10. Um cidadão israelense é de que país?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO

Todos os resultados coletados durante sua participação serão codificados com um número de identificação, ou seja, seu nome e áudios não serão divulgados.

1. Nome:

2. Idade:

3. Sexo:
 M
 F

4. Grau de escolaridade:
 Ensino fundamental completo.
 Ensino médio completo.
 Ensino Superior Completo.

5. Naturalidade (cidade onde nasceu):

6. Há quanto tempo reside no município de Feliz? (Caso tenhas nascido em outro município).

7. Qual a tua profissão?

8. Como é o teu contato com o alemão?
 Não falo nem compreendo.
 Não falo, mas compreendo.
 Falo e compreendo.

9. Qual é a tua língua materna?
 Português.
 Alemão.

10. Em quais ambientes tu utilizas o alemão?

- () Ambientes informais: Em diálogos com amigos e familiares.
- () Ambientes formais: No trabalho ou meio acadêmico.